



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
CENTRO DE EXCELÊNCIA EM TURISMO
CURSO DE BACHARELADO EM TURISMO

ERICH FRANCO PICÉJNI

**O ESTÁDIO NACIONAL MANÉ GARRINCHA E SUAS CONTRIBUIÇÕES
SOCIOECONÔMICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO
FEDERAL**

BRASÍLIA – DF

2015

ERICH FRANCO PICÉRNI

Picerni, Erich Franco.

O Estádio Nacional Mané Garrincha e suas contribuições socioeconômicas para o desenvolvimento do Distrito Federal/ Picerni, Franco Picerni. 2015.

Monografia (graduação)- Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, 2015.

Orientador: Dr. João Paulo Faria Tasso

1. Brasília. 2. Estádio Nacional Mané Garrincha, 3. Turismo. 4. Desenvolvimento Local. 5. Contribuições Socioeconômicas

O ESTÁDIO NACIONAL MANÉ GARRINCHA E SUAS CONTRIBUIÇÕES SOCIOECONÔMICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel de Turismo.

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso

BRASÍLIA – DF

2015

ERICH FRANCO PICÉRNI

**O ESTÁDIO NACIONAL MANÉ GARRINCHA E SUAS CONTRIBUIÇÕES
SOCIOECONÔMICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Excelência em Turismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Brasília-DF, 09 de julho de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso
Universidade de Brasília
Orientador

Profa. Dra. Iara Lúcia Gomes Brasileiro
Universidade de Brasília
Membro da Banca

Prof. Dr. Mozart Fazito Rezende Filho
Universidade de Brasília
Membro da Banca

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço aos meus pais Solange Pinheiro Franco e Odécio Raposo Picerni, por me darem todo o suporte necessário para o sucesso de minha trajetória acadêmica. Obrigado por acreditarem em mim mesmo nos momentos incertos da minha vida. Sem o amor e dedicação que vocês tiveram para me criar eu não seria nada, os dois são os melhores exemplos que eu poderia ter.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso, pela paciência de ter aplicado parte de seu tempo para me orientar nos momentos em que mais necessitei. Seu incentivo e acompanhamento foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço aos meus professores da Universidade de Brasília, principalmente os do Centro de Excelência em Turismo por todo o aprendizado que adquiri ao longo dos quatro anos de curso.

Agradeço também a todos os colegas do curso de Turismo pela amizade e companhia durante essa trajetória.

Agradeço ao meu irmão e melhor amigo, Ícaro Franco Picerni, pelo amor e carinho.

Por fim, agradeço a Israele Rangel pelo companheirismo e afeto compartilhados nos últimos anos.

RESUMO

O presente estudo tem como objeto o Estádio Nacional Mané Garrincha por meio de uma análise sobre a sua contribuição socioeconômica para Brasília (DF) e suas Regiões Administrativas. O objetivo central foi identificar em que medida os objetivos traçados na reforma do Estádio têm sido atingidos, e quais são as suas contribuições socioeconômicas para o desenvolvimento local e turístico. O estudo se justifica pelas acaloradas discussões que rodearam o Estádio em relação aos recursos gastos em sua reforma e seu potencial de uso pela população do DF. Foi feito um levantamento teórico a respeito dos temas mais importantes que se relacionam com o objeto de estudo, além de uma pesquisa documental para reunir o máximo de informações a respeito do Estádio e seu uso, e compara-lo com outros exemplos de estádios ao redor do mundo. Uma análise sobre as Regiões Administrativas do Distrito Federal e suas realidades socioeconômicas se tornou necessária para entender o contexto em que o Estádio está inserido. Foram realizadas entrevistas com três atores chave representantes da Gestão do Estádio, Ceilândia e Varjão para obter uma melhor percepção sobre a relação entre a oferta de oportunidades de trabalho e de lazer, a partir da reforma do Estádio, e as reais contribuições e benefícios para as comunidades de Regiões Administrativas mais pobres. A pesquisa identificou que por falta de um contato maior com a Gestão do Estádio e do GDF, não há um sentimento de apropriação do espaço por parte dos moradores do DF. Observou-se que, até o momento, poucas são as contribuições socioeconômicas do Estádio para a população do Distrito Federal.

Palavras-chave: Brasília. Estádio Nacional Mané Garrincha. Turismo. Desenvolvimento Local. Contribuições Socioeconômicas.

ABSTRACT

This paper studied the National Stadium “Mané Garrincha” through an analysis of its socio-economic contribution to Brasília (DF) and its Administrative Regions. The main objective was to identify to what extent the objectives outlined in the reform Stadium have been achieved, and what their socio-economic contributions to the local and tourist development. The study is justified by the heated discussions surrounding the stadium for the resources spent on its reform and its potential use by the Distrito Federal population. A theoretical survey about the most important issues that relate to the object of study was done in addition to desk research to gather as much information about the stadium and its use, and compares it with other examples of stadiums around of the world. An analysis of the administrative regions of Brasilia and its socio-economic realities has become necessary to understand the context in which the stadium is inserted. Interviews were conducted with three key stakeholders representatives of Stadium Management, Ceilândia and Varjão to get a better understanding of the relationship between the supply of labor and leisure opportunities, from the reform of the Stadium, and the actual contributions and benefits for Administrative Regions poorest communities. The research identified that for lack of a better contact with the Stadium Management and GDF, there is no sense of ownership of the space by the residents of the Distrito Federal. It was observed that, so far, there are few socioeconomic contributions Stadium for the population of the Distrito Federal.

Keywords: Brasília. Brasília National Stadium. Tourism. Local development. Socioeconomic contributions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo de um Sistema Turístico.....	15
Figura 2: Modelo Referencial SISTUR.....	16
Figura 3: Cadeia Produtiva de Turismo.....	18
Figura 4: Maquete do novo Estádio Nacional de Brasília “Mané Garrincha.....	26
Figura 5: O Estádio visto de dentro.....	29
Figura 6: Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha finalizado.....	30
Figura 7: Stade de France recebendo jogo de rúgbi.....	30
Figura 8: Jeju World Cup Stadium.....	31
Figura 9: Miyagi Stadium.....	32
Figura 10: Red Bull Arena.....	33
Figura 11: Allianz Arena.....	34
Figura 12: O Estádio Mbombela, um contraste na paisagem de Nelspruit.....	35
Figura 13: O Soccer City na final da Copa do Mundo de 2010.....	37
Figura 14: Mapa de Brasília.....	40
Figura 15: As Regiões Administrativas do Distrito Federal.....	41

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Tabela 1: População do DF por nível de escolaridade.....	42
Tabela 2: Renda Domiciliar Média Mensal.....	43
Tabela 3: População por Situação de Atividade.....	45
Tabela 4: Plano de Saúde.....	47

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CODEPLAN – Companhia de Planejamento do Distrito Federal

DF – Distrito Federal

FIFA – Federação Internacional de Futebol

GDF – Governo do Distrito Federal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PDAD – Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal

PEA – População Economicamente Ativa

PIA – População com Idade Ativa

RA – Região Administrativa

SEMARH - Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

SISTUR – Sistema de Turismo

SETUR/DF – Secretaria de Estado de Turismo do Distrito Federal

SUS – Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Objeto de Estudo.....	10
Justificativa.....	10
Objetivo Geral.....	11
Objetivos Específicos.....	11
Perguntas Norteadoras	12
Apresentação do Conteúdo.....	12
1. TURISMO E DESENVOLVIMENTO	13
1.1. Epistemologia do Turismo.....	13
1.2. Visão Sistêmica.....	14
1.3. Cadeia Produtiva do Turismo.....	18
1.4. Sustentabilidade.....	19
1.5. Desenvolvimento Local e Regional.....	22
2. O ESTÁDIO MANÉ GARRINCHA: PASSADO E FUTURO	25
2.1. O Estádio Nacional “Mané Garrincha”.....	25
2.2. Estádios ao redor do mundo: exemplos para Brasília.....	30
2.2.1. O Stade de France.....	31
2.2.2. Jeju World Cup Stadium e Miyagi Stadium.....	32
2.2.3. Zentralstadion (Red Bull Arena) & Allianz Arena.....	34
2.2.4. Estádio Mbombela e Soccer City.....	35
2.3. O Mané Garrincha e outros estádios: Semelhanças e diferenças.....	37
2.4. Brasília – DF: uma análise multidimensional.....	39
3. AS CONTRIBUIÇÕES DO MANÉ GARRINCHA: ANÁLISE DOS RESULTADOS	48
3.1. Metodologia.....	48
3.1.1. Revisão de Literatura.....	48
3.1.2. Caracterização do Estádio e de Brasília.....	48
3.1.3. Planejamento do Trabalho de Campo.....	49
3.1.4. Realização do Trabalho de Campo.....	50
3.1.5. Análise dos Dados Obtidos.....	51
3.2. Resultados Obtidos: O ponto de vista de cada um	51
3.2.1. Entrevistas Semiestruturadas	51
3.2.1.1. Entrevista com o Diretor de Operações do Estádio Mané Garrincha.....	52
3.2.1.2. Entrevista com o Representante da Associação Comunitária de Moradores de Ceilândia – DF.....	54
3.2.1.3. Entrevista com a Liderança Comunitária do Varjão – Coordenadora Geral do Centro Social Comunitário Tia Angelina.....	56
3.2.2. Dados Apresentados Pela Mídia.....	58
3.3. A busca de um Estádio para todos	60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
APÊNDICES	71
APÊNDICE 1.....	71
APÊNDICE 2.....	72

INTRODUÇÃO

Objeto de Estudo

O estudo apresentado aborda o Estádio Nacional Mané Garrincha por meio de uma análise sobre a sua contribuição socioeconômica para o desenvolvimento local e turístico de Brasília (DF), buscando relacionar o que se esperava inicialmente com a reforma do Estádio e a realidade atual.

Justificativa

O processo de reforma do Estádio Nacional foi rodeado por uma série de discussões acaloradas, desde o anúncio de seu projeto de reforma. Por um lado, buscava-se justificar todo o investimento aplicado. Por outro, discutia-se a falta de consenso sobre a definição de direcionamento dos recursos, quando ampliaram-se os discursos sobre as reais necessidades da sociedade do Distrito Federal.

O Estádio Nacional Mané Garrincha foi o mais caro da Copa do Mundo de 2014. Com um gasto de R\$ 1.936.584.624,45 (TRIBUNAL DE CONTAS, 2014) - muito acima dos R\$ 745,3 milhões previstos inicialmente (GOVERNO FEDERAL, 2009) – o Mané Garrincha se modernizou para se tornar um estádio com o chamado “Padrão FIFA”, e atender a demanda do evento internacional.

Apesar do atraso para a entrega, o Estádio foi palco de abertura da Copa das Confederações de 2013, tendo sido inaugurado dias antes, em evento teste, por meio do jogo entre Brasília e Brasiliense, realizado no dia 18 de maio de 2013. As melhorias estruturais e tecnológicas do Estádio foram inegáveis.

Mas não foram somente o alto custo e o atraso no prazo de entrega que causaram reações da população e da mídia. A grande discussão, que gira em torno do assunto após o Megaevento, é como utilizar o Estádio de forma que se aproveite o espaço criado e que se justifique os gastos do Governo.

Antes da Copa existia um temor de que os Estádios novos, em sedes sem um clube de futebol de expressão nacional, se tornassem “Elefantes Brancos”, ou seja, um grande problema para a gestão de seus governadores e da população como um todo.

Reformar estádios para a realização de um Megaevento é algo comum. Nas edições passadas da Copa do Mundo também ocorreram tais processos. O Governo Federal confiava que as mudanças estruturais realizadas em prol do megaevento poderiam elevar o patamar do turismo brasileiro.

A geração de empregos também foi utilizada com justificativa para a reforma, e não se falou apenas de empregos temporários, e sim empregos que se perdurassem para depois do evento. Além disso, o Estádio Nacional se tornou um espaço de lazer, a ser utilizado pela sociedade do Distrito Federal. A sua capacidade de multiuso e a elevada tecnologia somaram-se às demais justificativas do governo, que levaram a crer que a reforma é algo positivo para a população da cidade.

No lado negativo da balança, a mídia relatou diversos problemas com o processo de construção do Estádio que serão abordados, com maior profundidade, neste trabalho.

Objetivo Geral

Identificar em que medida os objetivos traçados na reforma do Estádio têm sido atingidos, e quais são as suas contribuições socioeconômicas para o desenvolvimento local e turístico de Brasília – DF.

Objetivos Específicos

O Objetivo Geral pôde ser ramificado pelos seguintes objetivos específicos:

- Fazer uma contextualização multidimensional de Brasília e seu entorno;
- Caracterizar o Estádio Nacional Mané Garrincha e verificar suas similaridades com outros estádios ao redor do mundo;
- Explorar as possibilidades para tornar o Estádio Nacional Mané Garrincha um vetor de desenvolvimento para o turismo de Brasília;
- Verificar se o uso do estádio tem sido viabilizado para todo o DF ou apenas uma parcela da população;
- Identificar a relação da população do DF com o Estádio;
- Identificar os planos futuros do Governo do DF para o Estádio.

Perguntas Norteadoras

As perguntas que norteiam o trabalho desenvolvido podem ser apresentadas a seguir:

- O Estádio Nacional Mané Garrincha tem contribuído, de forma sustentável, para o desenvolvimento da região administrativa do Distrito Federal?
- O Estádio tem buscado satisfazer a demanda de toda a população ou apenas de um público específico?
- Qual era a expectativa dos gestores e da população com a reforma do Estádio? Ela foi atendida?

Apresentação do Conteúdo

O presente estudo está subdividido em três capítulos, afora a Introdução e as Considerações Finais. No primeiro capítulo será abordado um conteúdo teórico, que ajudará o leitor a entender a posição do Estádio Nacional de Brasília no sistema de turismo de Brasília. Para isso foi preciso resgatar alguns conceitos básicos de turismo, além de uma discussão sobre sustentabilidade e desenvolvimento local, primordiais para o entendimento holístico do setor.

O capítulo segundo irá caracterizar o Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha, desde sua construção até os dias atuais, detalhando cada aspecto do estádio. Além disso será feita uma análise de outros estádios com histórico semelhante ao Estádio Nacional, que poderão servir de exemplo para um melhor aproveitamento de seu espaço.

No terceiro capítulo foi realizada a análise da relação do Estádio e sua contribuição socioeconômica para o desenvolvimento do DF. Nesse capítulo foram sistematizadas as informações coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas com atores chave (principal representante do órgão gestor do estádio, e representantes comunitários de grupos de moradores do DF). Nessa oportunidade os atores puderam trazer as suas próprias visões sobre a relação “comunidade - Estádio”. Além disso, algumas reportagens circuladas na mídia serão abordadas para uma análise mais completa.

CAPÍTULO 1: TURISMO E DESENVOLVIMENTO

A primeira etapa do trabalho foi de realizar uma discussão teórico-epistemológica acerca dos conhecimentos e conceitos relacionados à pesquisa. A discussão, ora tratada, será pautada em autores de referência nas áreas de turismo, de sustentabilidade e de desenvolvimento local, a qual dará base para o entendimento complexo sobre a importância e o posicionamento do Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha no sistema turístico de Brasília, e os impactos produzidos por ele.

1.1. Epistemologia do Turismo

A complexidade do fenômeno turístico, de acordo com Tasso (2014), requer múltiplos olhares e concepções epistemológicas que analisem seus componentes tangíveis e intangíveis, indo além da vertente reducionista do fenômeno e do entendimento do turismo como uma indústria.

A compreensão do fenômeno turístico demanda mais do que isso. Não apenas o entendimento da multisetorialidade e da dinamicidade de sua estrutura material. Mas também da complexidade, da transversalidade, da multidimensionalidade e da interdisciplinaridade. (TASSO, 2014, p. 177-178)

Não se pode limitar a apenas um olhar do fenômeno, pois se deixaria escapar uma série de fatores determinantes para a compreensão do turismo como um todo. Para Moesch “construir uma teoria que dê conta das práticas turísticas deve ser uma conquista interdisciplinar, em que a cada momento é, simultaneamente, produzida e produtora” (MOESCH, 2004, p. 7).

Por essas razões o presente trabalho não foca apenas nos efeitos econômicos que o Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha produzirá e produz, mas também nas relações sociais que se formam a partir dos investimentos, das propostas implementadas, e da utilização do espaço construído.

Um olhar sistêmico para o turismo é fundamental para ir além da simples análise cartesiana, sendo necessária uma maior complexificação na abordagem do objeto de estudo. “O estudo do Turismo requer um questionamento sistemático de

tudo que existe, do fazer-saber turístico, e do que se quer fazer. O saber turístico é e será objeto de desconstrução.”. (MOESCH, 2004, 22).

1.2. Visão Sistêmica

Antes de tudo é necessário entender a complexidade do turismo como um fenômeno, e não somente como atividade econômica ou um meio de lazer. O turismo deve ser entendido como um sistema amplo de múltiplas relações:

(...) que apresenta interações com os ambientes econômico, jurídico, social, político, tecnológico entre outros, de modo que aqueles que se dedicam ao seu estudo devem assumir uma perspectiva generalista na sua abordagem, utilizando diversos campos do conhecimento, e procurando obter conclusões que demonstrem as implicações decorrentes dessa interação multidisciplinar. (DIAS, 2005, p. 25)

O olhar sistêmico é essencial para o entendimento do setor do Turismo. A *Teoria geral dos Sistemas* de Bertalanffy (1968) é a base para, em um segundo momento, compreender-se a proposta do Sistema Turístico (SISTUR) de Beni (1998).

Para Bertalanffy (1968) um sistema forma uma unidade muito maior do que, simplesmente, a soma de suas partes. O sistema aberto, apresentado por ele, deve possuir meio ambiente, unidade, relações atributos, input, output e modelo. Em razão dessa complexidade “as múltiplas interligações entre os vários elementos e variáveis que compõem o sistema produzem causas e efeitos complexos, que demandam por olhares também complexos” (PANOSSO NETO, 2005 *apud* TASSO, 2014, p. 118).

Essa abordagem sistêmica de Bertalanffy se tornou frequente para analisar o turismo, muito em razão do caráter interdisciplinar do fenômeno, com suas facetas sociais, econômicas e políticas. Essencialmente, a visão sistêmica no turismo é composta pela análise dos elementos, relacionamentos e ambientes (COSTA, 2013, p. 22-23):

- Elementos – Atores que interferem no turismo, direta ou indiretamente;
- Relacionamentos – A conexão entre os elementos que possibilita a identificação dos interesses, oportunidades, ganhos e dificuldades que surgem em decorrência dos elos do sistema;

- Ambientes – Vetores que atuam sobre os elementos e relacionamentos.

O modelo sistêmico de turismo mais difundido internacionalmente é o de Leiper (1987), que considera (ver **Figura 1**): turistas, origens, rotas, destinos e ambientes. Esse modelo permite uma análise sob diferentes escalas a partir do fluxo geográfico dos turistas.

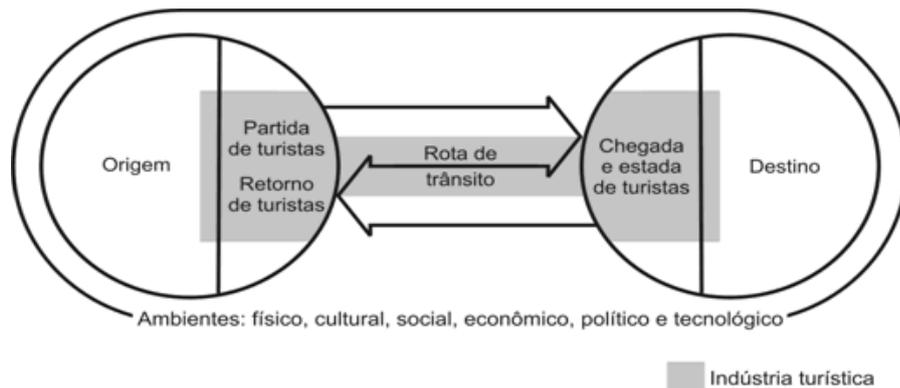


Figura 1: Modelo de um sistema turístico

Fonte: Leiper, 1979, p.404

No Brasil, a leitura mais utilizada para o tema de sistema turístico é o Sistema de Turismo – SISTUR de Beni (1998). Beni (1998, p. 44) conceitua sistema como “o conjunto de procedimentos, doutrinas, ideias ou princípio logicamente ordenados e coesos, com a intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo”. O fenômeno turístico é sujeito a variáveis externas e internas, que nem sempre são observadas sem uma análise sistêmica. Por isso, observando somente um aspecto do setor turístico é difícil considerar todos os vetores que influenciam de fato o fenômeno.

O Sistur (apresentado na **Figura 2**) simplifica a complexidade do fenômeno turístico para que se possa entender as relações ocorridas no sistema, separando-as em três esferas:

- Relações ambientais - subsistemas ecológico, social, econômico e cultural;
- Organização estrutural – superestrutura e infraestrutura;
- Ações operacionais – mercado, oferta, demanda, produção, distribuição e consumo.

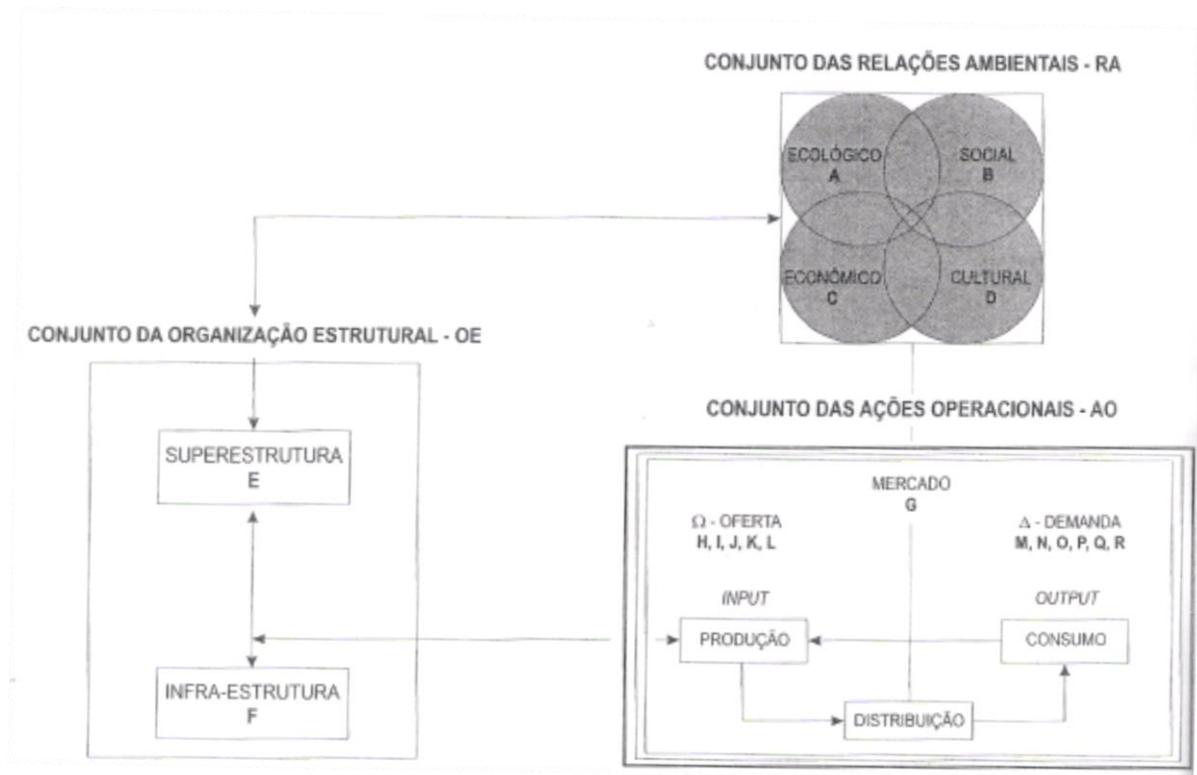


Figura 2: Modelo Referencial SISTUR

Fonte: Beni, 1988, p. 48

Os quatro subsistemas apresentados (BENI, 1998) são:

O subsistema ecológico tem como elemento a natureza, observando os fatores do espaço turístico natural e urbano e sua planificação territorial, atrativos turísticos, e consequências do turismo sobre o ambiente.

O subsistema social tem como elemento a estrutura e mobilidade social e seus efeitos, analisando o contato da população com as áreas turísticas, o perfil do turista, suas motivações e estratificações sociais.

O subsistema econômico tem como elemento a contribuição econômica da atividade, analisando o ingresso de divisas, geração de empregos, receita, formação do PIB e efeito multiplicador de economia.

O subsistema cultural tem como elemento a herança e patrimônio cultural do país, analisando todo tipo de legado patrimonial, histórico, arqueológico, arquitetônico, monumental, artístico, folclórico e artesanal.

Já considerando a organização estrutural do turismo, deve-se entender a superestrutura como a política de gestão do turismo, as políticas públicas que

fomentam o setor. Enquanto a infraestrutura são os elementos básicos para o acesso ao destino turístico como saneamento básico, energia e transporte .

Por fim o subsistema do Mercado é observado com as relações de mercado entre os atores do sistema, considerando os fluxos, relação de oferta e demanda, tráfego, processo de decisão de compras e avaliação do produto turístico (BENI, 1998).

Considerando de forma geral o Sistema de Turismo, é possível considerar cinco elementos primários: humano, origem, rotas turísticas, destino turístico e cadeia produtiva do turismo (STEAR, 2003a; 2003b; LEIPER, 2003b).

O *humano* nada mais é do que o turista propriamente dito. A *origem* seria o ponto inicial da viagem, assim como o ponto final na volta pra casa. As *rotas turísticas* são os caminhos entre a origem e destino turístico. O *destino turístico* é o espaço físico onde o turista pretende chegar e desfrutar da experiência turística.

O quinto elemento merece uma atenção especial para o tema do trabalho. A *cadeia produtiva do turismo* é “o conjunto complexo de atividade e serviços ligados ao deslocamento, visitas, transportes, alojamentos, lazer, alimentação e circulação de produtos típicos” (PROVINCIALI, 2002, p 11-12).

O Sistema de Turismo possui, em sua estrutura complexa, interações e interdependências entre as múltiplas empresas de subsetores específicos que se complementam para resultar em um produto turístico final. Esse encadeamento entre empresas compreende o quinto elemento, anteriormente destacado: a “Cadeia Produtiva do Turismo” (TASSO, 2014, p. 120)

Para observar qual é o papel do Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha, primeiramente é necessário compreender qual é a intenção que a superestrutura tem para o estádio, quais são seus objetivos. Entendendo que o estádio surgiu de uma iniciativa da superestrutura para formar um atrativo turístico (compreendido no subsistema ecológico) será analisada não apenas a sua relevância econômica, como também sua proeminência no âmbito social.

1.3. Cadeia Produtiva do Turismo

A cadeia produtiva do turismo detalha as atividades que se relacionam diretamente com o turismo, e as relações entre as mesmas, sendo articuladas pela superestrutura e atores da iniciativa privada nos destinos turísticos. O diagrama elaborado pelo Sebrae (2008) – ver **Figura 3** - é bastante abrangente e se subdivide em três partes: (a) Setores Líderes; (b) Indústrias e Serviços Relacionados; e (c) Infraestrutura de Apoio.

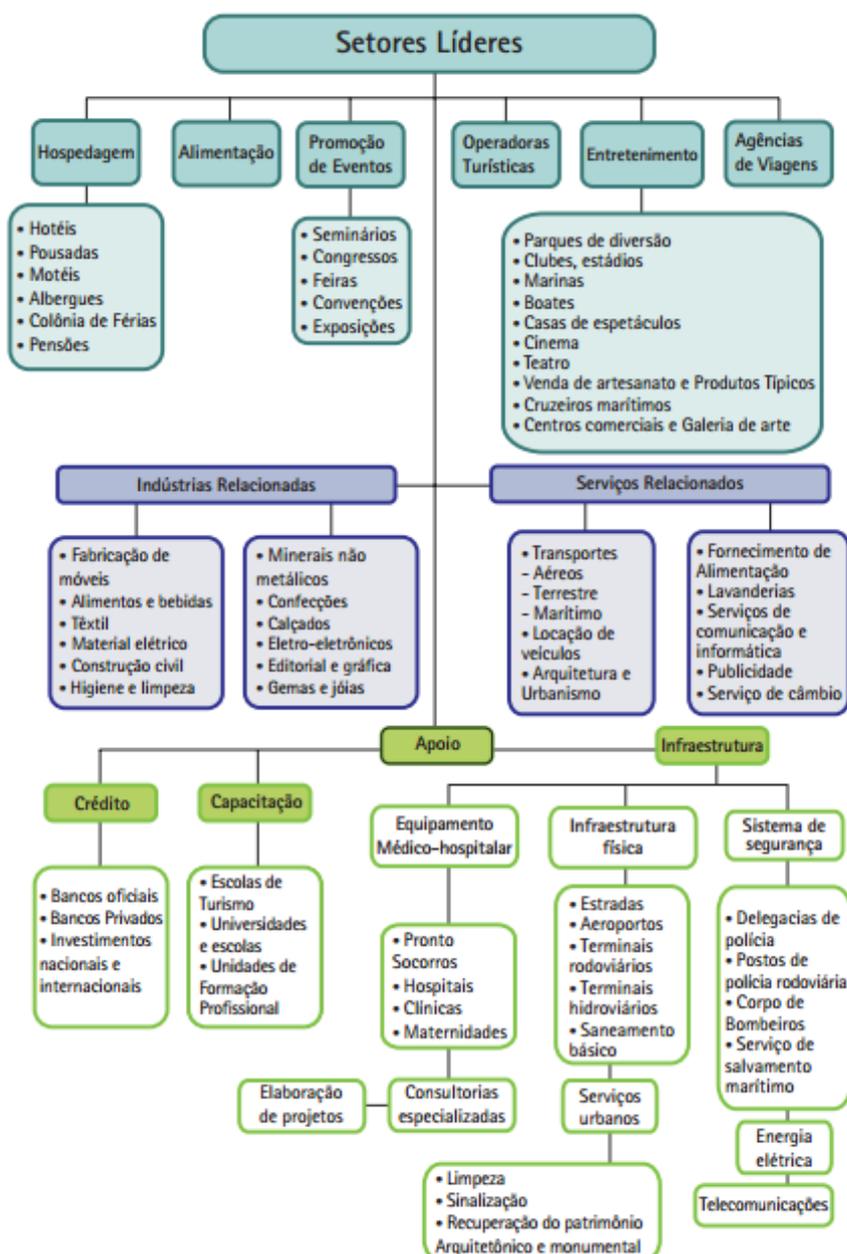


Figura 3: Cadeia Produtiva do Turismo
 Fonte: BRASIL (2011-d), p.12

Nos Setores Líderes, encontramos seis elementos fundamentais para a organização do turismo, aqueles que lidam diretamente com o turismo: hospedagem, alimentação, promoção de eventos, operadoras turísticas, entretenimento e agências de viagens. Já as Indústrias e Serviços Relacionados, são justamente aqueles que estão inseridos em outras atividades mas que acabam influenciando o turismo, como por exemplo o transporte, locação de veículos e serviços de comunicação que interferem na experiência do turista. Por último, a Infraestrutura de Apoio é aquela básica para a população do destino, que influencia na vida do morador local, como por exemplo serviços de saúde, segurança, limpeza e outros serviços básicos para uma boa qualidade de vida.

Na Cadeia Produtiva de Turismo, deve-se contextualizar que o Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha está inserido nos Setores Líderes, na subdivisão de Entretenimento.

Como já vimos, por meio da visão sistêmica, é importante notar a relação existente entre todos os elementos da Cadeia Produtiva do Turismo. O estádio não é um elemento que se sustenta por si próprio e, por isso, é necessário caracterizá-lo em seu contexto territorial e temático.

1.4. Sustentabilidade

Tópico essencial de discussão quando o assunto é turismo, a sustentabilidade e seus pressupostos devem ser tratados com a máxima relevância neste trabalho. O conceito de sustentabilidade não se remete, apenas, ao lado ecológico da definição, mas também leva em conta as dimensões econômica, cultural, política e social, para os quais se exige um tratamento mais sensível, levando em consideração as diversas características de cada população.

Considerando a relação entre sustentabilidade e turismo, Irving e Camphora (2005, p. 330) relatam que:

Muitos caminhos podem conduzir à perspectiva de sustentabilidade, mas não existem itinerários já mapeados, fixos. A sustentabilidade, tomada como referência, acolhe aspectos materiais e imateriais das várias dimensões envolvidas em seu significado. Não é dessa forma, desejável demarcar competências determinantes, sejam de caráter ambiental, social, econômico ou político; quaisquer dessas dimensões, pensadas isoladamente, instalam uma abordagem parcial capaz de obscurecer articulações e interesses e práticas aparentemente dissociadas. No turismo, a busca de sustentabilidade equivale à oportunidade de redimensionar espaços, paisagens, culturas e economias através de ações que qualificam o uso articulado de bens e serviços, gerando benefícios de ampla escala.

Tendo em mente a existência das diferentes dimensões da sustentabilidade que devemos considerar em conjunto, Sachs (2008, p.85-89) conceitua cada uma delas para o melhor entendimento do todo.

A sustentabilidade social diz respeito ao objetivo de conseguir uma homogeneidade social para uma qualidade de vida igual para todos, com uma distribuição de renda justa, promoção da igualdade no acesso a recursos e serviços sociais.

A sustentabilidade ecológica diz respeito ao uso racional dos recursos naturais não renováveis e também na preservação do capital natural na produção de recursos renováveis.

A sustentabilidade cultural diz respeito à capacidade de equilibrar a relação entre inovação e tradição, prezando pela diversidade cultural da população ao mesmo tempo que busca desenvolvê-la através de um projeto integrado

A sustentabilidade ambiental se refere ao respeito à capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais.

A sustentabilidade territorial se relaciona com a organização do homem nos espaços urbanos e rurais, buscando um balanceamento de investimento entre os dois espaços e suas atividades.

Já a sustentabilidade política trata do processo de construção da cidadania e das garantias dos direitos da população, garantindo um desenvolvimento do Estado através do respeito a uma coesão social.

E por fim a sustentabilidade econômica diz respeito ao desenvolvimento econômico intersetorial equilibrado em busca de uma eficiência econômica que deve ser avaliada no âmbito macrossocial e não apenas levar em consideração a rentabilidade empresarial. Para o turismo e o objeto de estudo deste trabalho, esse entendimento é essencial para avaliarmos o impacto da reforma do Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha.

São inúmeros os impactos do turismo em todas as suas dimensões, desde o planejamento de uma política pública até a saída do turista do destino. Esses impactos podem ser tanto positivos quanto negativos. Os positivos geralmente não impactam somente a economia como principalmente trazem benefícios para a população do destino. Já os negativos causam degradação não só do meio ambiente, como das relações entre todos os envolvidos, sejam eles turistas, população local, atores da iniciativa privada ou aqueles que fomentam as políticas públicas do destino.

Para Ruschmann (2000, p.34) os impactos advêm de “um processo complexo de interação entre os turistas, as comunidades e os meios receptores.” São provocados por diversas variáveis de natureza, intensidade, direções e magnitudes. “Porém os resultados interagem e são geralmente irreversíveis quando ocorrem no meio ambiente natural” (RUSCHMANN, 2000, p.34). Essa característica irreversível se dá quando o Turismo já está totalmente enraizado no destino, mas durante o processo de planejamento – que deve ser realizado de maneira intersetorial - é possível identificar os efeitos negativos e revertê-los.

Krippendorf (2003) alerta para os efeitos negativos que o turismo pode causar. As comunidades por vezes enxergam o turismo como uma solução incrível para um desenvolvimento econômico e valorização cultural, esquecendo-se das consequências negativas de um turismo mal implementado que desconsidera as outras dimensões da sustentabilidade.

Para Krippendorf (2003, p. 84) “a massificação da viagem, a organização racionalidade e o desenvolvimento padronizado impedem mais uma vez as relações

calorosas e qualquer tipo de troca intelectual”. Essa ideia relaciona-se com o conceito de sustentabilidade social tratado anteriormente por Sachs, pois quando as políticas visam agradar somente o turista ou uma parcela da população, deixando de lado os interesses gerais da comunidade local, há um desequilíbrio na relação social do destino que irão acarretar em uma relação conflituosa entre comunidade local e turista que só irá impactar negativamente o destino.

A relação de equilíbrio que deve existir entre os interesses relacionados ao turismo também é abordada por Ruschmann (2000, p. 109).

Encontrar o equilíbrio entre os interesses econômicos que o turismo estimula e um desenvolvimento da atividade que preserve o meio ambiente não é tarefa fácil, principalmente porque seu controle depende de critérios subjetivos de uma política ambiental e turística adequada [...].

Novamente, o foco somente no interesse econômico é abordado como um entrave que dificulta a relação entre turismo e sustentabilidade. Outro problema é que mesmo que se tenha ganho econômico é difícil garantir que esse ganho se reflita em um processo de desenvolvimento local.

1.5. Desenvolvimento Local e Regional

A Copa do Mundo de 2014 surgiu como uma grande oportunidade para desenvolvimento do turismo no Brasil. As promessas de construção e de reforma de estruturas físicas e de melhorias em infraestrutura de suporte à atividade fez com que se esperasse um grande legado do evento. E que, a partir desse legado, se fomentassem ações endógenas de desenvolvimento local e regional, ou seja, Brasília e seu entorno. Segundo Buarque (2008, p. 25):

O desenvolvimento local pode ser conceituado com um processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos. Para ser consistente e sustentável o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as potencialidades locais e contribuir para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade e competitividade da economia local; Esse empreendimento endógeno demanda, normalmente um movimento de organização e mobilização da sociedade local, explorando as suas capacidades e potencialidades próprias, de modo a criar raízes efetivas na matriz socioeconômica e cultural da localidade.

O fato do destino turístico estar tendo um sucesso econômico não é garantia de desenvolvimento, como já observado anteriormente. Em muitos casos os interesses econômicos ganham mais importância do que as questões sociais e ambientais.

O avanço turístico, no entanto, nem sempre ocorre a favor das populações locais e, frequentemente, é responsável por fenômenos significativos de exclusão social, descaracterização cultural e degradação ambiental. (IRVING, 2002, p.19)

A exclusão social - que limita a participação de todos no processo de desenvolvimento - deve ser evitada através do desenvolvimento incluyente defendido por Sachs (2008). O desenvolvimento incluyente opõe-se as características do crescimento que exclui a população e concentra renda e riqueza nas mãos de poucos.

O desenvolvimento incluyente requer, acima de tudo, a garantia do exercício dos direitos civis, cívicos e políticos. A democracia é um valor verdadeiramente fundamental e garante também a transparência e responsabilização necessárias ao funcionamento dos processos de desenvolvimento. (SACHS, 2008, p.39)

Mas não se deve, somente, se ater ao caráter local do desenvolvimento. Brasília e seu entorno devem ter uma relação de desenvolvimento regional em maior escala. Lima & Oliveira (2003) entendem que o desenvolvimento regional requer um envolvimento da comunidade local no processo de planejamento permanente e na distribuição dos ganhos no processo de crescimento. Desta maneira há uma relação harmônica entre as vontades das populações envolvidas no planejamento e as vontades da iniciativa pública.

Para Cooper (1993) essa relação é essencial, para que os interesses de uma parte não ignorem o de outra. Não é possível existir desenvolvimento do turismo deixando o planejamento somente nas mãos da iniciativa privada, pois o lado econômico pesaria mais nessa relação. E, por outro lado, não se pode deixar apenas nas mãos da iniciativa pública, pois o lado da sustentabilidade social poderia ser levado em maior consideração.

Por isso o desenvolvimento regional do turismo requer um equilíbrio entre as relações de iniciativa pública, privada e comunidade para que o planejamento do turismo observe todas as faces da sustentabilidade, tratadas anteriormente.

CAPÍTULO 2: O ESTÁDIO MANÉ GARRINCHA: PASSADO E O FUTURO

2.1. O Estádio Nacional “Mané Garrincha”

Construído a partir do projeto do arquiteto Ícaro de Castro Mello, e inaugurado no dia 10 de março de 1974, o anteriormente batizado “Estádio Governador Hélio Prates da Silveira” foi criado para compor o Complexo Poliesportivo “Ayrton Senna” (na época, conhecido como Complexo Poliesportivo “Presidente Médici”) localizado na área central de Brasília, no Setor de Recreação Pública Norte – SRPN. (GDF, 2014-a)

Durante os anos 1980 ocorreu a mudança no nome do estádio, em homenagem ao bicampeão mundial de futebol, Manuel Francisco dos Santos, o “Mané Garrincha”. O estádio foi casa da maioria dos times de futebol do Distrito Federal, e tinha, inicialmente, uma capacidade para 45.200 pessoas. Em 1998 chegou a receber o público recorde de 51.200 pessoas, no jogo entre Gama e Londrina, válido pela Segunda Divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol. (GLOBO, 2013)

Da mesma forma que o novo Estádio Nacional Mané Garrincha, o estádio anterior à reforma não era utilizado somente para jogos de futebol. Ele já possuía um complexo esportivo, com uma escolinha de futebol, e um ambiente para prática de judô, ginástica, capoeira e dança. Além disso, possuía uma infraestrutura com vestiários, sala de fisioterapia, alojamento, restaurante e academias.

O antigo Mané Garrincha também era utilizado para eventos musicais, como o histórico e polêmico show da banda brasileira “Legião Urbana”, em junho de 1988, marcado por uma grande confusão envolvendo um público de 50.000 pessoas. Também recebeu o último show da nacionalmente conhecida banda “Mamonas Assassinas” (8.000 pessoas) e shows internacionais como RBD, Iron Maiden e Lenny Kravitz (recebendo 25.000 pessoas, cada um). Esses eventos, além de outros com públicos menores, ou não divulgados, foram realizados na parte interna do estádio, antes de sua reforma.

Em outubro de 2007, o Brasil foi confirmado como a sede da Copa do Mundo FIFA de 2014. A partir daí surgia a oportunidade para que as capitais estaduais brasileiras buscassem utilizar a proposta de realização da Copa do Mundo como

estratégia para melhorar sua infraestrutura, e se promover turisticamente para o mundo.

Em 2009, Brasília foi confirmada como uma das sedes dos jogos do Megaevento. Para isso, o Governo do Distrito Federal teve que se sujeitar a diversas exigências da FIFA, no intuito de entregar um produto final com um padrão internacional de infraestrutura, no que dizem respeito à hotelaria, transportes, segurança e, é claro, um estádio que atendesse às necessidades da organização do evento. No caso do antigo “Mané Garrincha”, apesar de uma boa capacidade de público, o mesmo não era moderno o suficiente para ser palco de um megaevento dessa magnitude, por isso era necessário um novo “Mané Garrincha” (ver **Figura 4**).



Figura 4: Maquete do novo Estádio Nacional de Brasília “Mané Garrincha”
Fonte: Lancenet, 2012.

Apesar da utilização do termo “reforma”, o Estádio Mané Garrincha foi, na verdade, demolido. O processo se iniciou em 26 julho de 2010, e em maio de 2011 o antigo estádio já havia sido inteiramente demolido. Em meio a esse processo, um novo estádio chamado “Estádio Nacional de Brasília” começava a ser construído, mas

depois de reclamações da sociedade local passaria a ser chamado de Estádio Nacional de Brasília “Mané Garrincha”.

O comitê brasiliense demandou maior impacto visual para a construção do novo Estádio, com a intenção de receber a abertura da Copa do Mundo. O projeto dos arquitetos Eduardo Castro Mello e Vicente de Castro Mello, no entanto, visou não quebrar o conceito arquitetônico dos palácios que rodeiam o estádio, em meio ao Eixo Monumental de Brasília.

Os objetivos do projeto eram direcionados para atividades múltiplas, culturais, esportivas e comerciais, que seguiam as diretrizes do Governo do Distrito Federal. O objetivo foi transformar o Estádio Nacional de Brasília “Mané Garrincha” em um atrativo turístico e um ponto de encontro para os moradores, como explica Eduardo Castro Mello sobre o conceito multiuso do estádio:

Os moradores da cidade, em vez de irem a um shopping, poderão frequentar o estádio e almoçar com vista para o gramado. Já o museu do futebol será um ponto de referência, integrado ao circuito turístico da cidade. (GDF, 2014-b)

O governo também entendia que o estádio deveria ser muito mais que uma arena para realização de jogos de futebol:

As pessoas costumam vincular um espaço a um evento ou a uma modalidade. Não é preciso ser assim. O primeiro passo para garantir o legado foi construir esse estádio em uma área central da cidade, que estava degradada. Pós-Copa do Mundo nós vamos dar a destinação correta ao Mané Garrincha, que não é a de um estádio de futebol, mas de um centro de entretenimento. Pense num shopping com uma arena dentro. Esse é o Mané. Nós já temos reservados 40 bares, dois restaurantes. Os camarotes já estão vendidos. O subsolo é preparado para salas de cinema. Cada sede precisa pensar no perfil da sua cidade antes do empreendimento. Em Brasília tínhamos um déficit de programação. O fim de semana do brasiliense era contemplativo. Olhar para os lagos, assistir TV. Se quisesse ver um show, pegava um avião. A vantagem que temos para mudar isso é o imenso potencial econômico. A renda per capita aqui é cinco vezes maior que a do Rio e três vezes maior que a de São Paulo. (MONTEIRO, 2014)

Com o trabalho de, aproximadamente, 15 mil pessoas, em diversas funções, durante os 1.027 dias de trabalho, o Estádio Nacional de Brasília “Mané Garrincha” foi finalizado e entregue no dia 18 de maio de 2013, com a realização do jogo entre Brasília e Brasiliense, válido pelo Campeonato Candango de Futebol.

O estádio atendeu todas as exigências estruturais da organizadora do mundial, e ainda causou o impacto estético que o Governo do DF desejava, sem se desvincular com o conceito do centro da cidade.

O estádio tem capacidade para 72.788 pessoas (ver **Figura 5**), sendo que, na Copa do Mundo, alguns dos lugares foram adaptados para receber as inúmeras equipes de imprensa que faziam a transmissão do evento. Com isso, durante a Copa do Mundo FIFA de 2014, a capacidade total para visitantes (por lazer) foi de 70.824 pessoas, sendo 22.360 lugares na arquibancada inferior, 9.414 lugares divididos entre arquibancada inferior, área de mídia, camarotes e assentos especiais, e 39.050 lugares para arquibancada superior. (GDF, 2014)

A norma 9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que diz respeito às exigências de acessibilidade, também foi contemplada (alguns requisitos ainda deixam a desejar). O estádio possui lugares exclusivos para cadeirantes, e o deslocamento de cadeirantes pode ser feito, sem problemas, tanto nas áreas internas, quanto externas.

Além da capacidade aumentada, e a melhora tecnológica do estádio, o objetivo multiuso do mesmo, já citado anteriormente, foi atingido, e no pós-evento poderá receber espetáculos, shows, conferências e reuniões. Mesmo o antigo Mané Garrincha já possuía um caráter multiuso, mas em menor escala do que o atual. Quando continha 74 camarotes, 14 lanchonetes, 02 restaurantes, 40 bares e 276 sanitários.



Figura 5: O Estádio visto de dentro.
Fonte: Castro Mello Arquitetos, 2013.

A sustentabilidade também foi um item observado no projeto de reforma. O estádio foi inscrito no *U.S Green Building Council (USGBC)*, uma organização sem fins lucrativos que busca promover e fiscalizar construções que voltam-se à sustentabilidade no mundo. O que mais contribui para o caráter sustentável do estádio é a usina de produção de energia elétrica, composta por painéis solares na cobertura da estrutura (ver **Figura 6**), que são capazes de gerar energia para todo o estádio. Ademais, produz um excedente de energia que pode ser distribuído para a cidade.



Figura 6: Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha finalizado.
Fonte: Castro Mello Arquitetos, 2013

Após a caracterização do estádio, objeto do estudo, faz-se necessário colocá-lo diante de outros exemplos, com características semelhantes nos processos, para se ter uma base comparativa e, sobretudo, para se analisar os caminhos seguidos pós-eventos.

2.2. Estádios ao redor do mundo: exemplos para Brasília

Pela análise de apenas estádios construídos ou reformados para a realização de Copas do Mundo FIFA, é possível perceber que existem casos de sucesso e casos de fracasso entre eles. Os estádios apresentados a seguir serão os das últimas quatro Copas, anteriores a do Brasil.

2.2.1. Stade de France

Na Copa do Mundo FIFA de 1998, realizada na França, é possível analisar um dos estádios que teve a sua utilização bastante contestada em seus anos iniciais, mas que depois conseguiu se desvencilhar do rótulo negativo de “elefante branco” (expressão popular usualmente utilizada para caracterizar grandes estruturas nada compatíveis com os cenários onde foram edificadas). O “*Stade de France*” (ver **Figura**

7), localizado na cidade de Saint-Denis, foi aprovado em 1995, assim que a França ganhou a disputa para sediar a Copa do Mundo FIFA de 1998.



Figura 5: Stade de France recebendo um jogo de rúgbi
Fonte: Stadium Guide, 2007.

Com 80 mil lugares cobertos (Stade de France, 2015), o objetivo era prepará-lo para sediar a final do evento. O estádio, construído com dinheiro público, custou o que, atualmente, equivaleria a 974 milhões de dólares, e até hoje é do governo.

O estádio, localizado no entorno de Paris, não possui um clube de futebol vinculado, mas recebe os jogos da seleção do país e partidas de rúgbi, esporte muito popular na França. Além disso, recebe jogos de finais de campeonatos importantes de ambas as modalidades (quatro finais por ano), e pelo seu modelo multiuso também recebe outras competições, como de atletismo.

E o estádio não é palco apenas de grandes eventos esportivos. Desde 1998 já recebeu mais de 70 grandes shows internacionais e, com isso, passou a se tornar lucrativo para o governo.

A área do estádio passou por um plano de reestruturação urbana em 2001, com investimento em diversos setores de Saint Dennis. Mas apesar disso, ainda são feitas duras críticas a respeito da falta de investimento na cultura da região para valorizar a sua identidade.

2.2.2. Jeju World Cup Stadium e Miyagi Stadium

O mundial realizado no Japão e na Coreia do Sul, em 2002, gerou um legado esportivo para ambos os países, ainda que alguns dos estádios criados para o evento até hoje não tenham conseguido ser bem aproveitados. Na Coreia do Sul, a cidade turística de Seogwipo aproveitou-se do mundial para criar um novo atrativo aos turistas. O “*Jeju World Cup Stadium*” (ver **Figura 8**) foi considerado o estádio mais belo do evento, com o custo de 120 milhões de dólares (Stadium DB, 2015-a), e com capacidade para 35 mil torcedores (na época do mundial a capacidade foi expandida para 42 mil).



Figura 6: Jeju World Cup Stadium

Fonte: Yonhap News Agency, 2015.

O estádio público não foi planejado para ser multiuso, por isso, após o mundial, foram poucas as opções de eventos para serem ali realizados. Não existiam times de futebol na região, assim como em outras regiões de muitos outros estádios dessa copa, porém todos os outros conseguiram vincular um clube após a Copa.

Após 2002, o primeiro evento no *Jeju Stadium* veio a ser realizado apenas em 2005. Como consequência, o estádio se tornou um problema para o governo de Seogwipo. Somente em 2007 um clube de futebol passou a utilizar efetivamente o estádio, mas com médias baixas de torcedores por jogos. Atualmente, ainda em

déficit, o governo investiu na construção de centros culturais no entorno do estádio, fazendo com que se agregue valor ao produto turístico da cidade para que, futuramente, o estádio gere benefícios.

O Japão também encontrou problemas para aproveitar um dos seus estádios, após 2002. Na província de Miyagi, o governo elaborou um planejamento onde o estádio seria localizado em meio a um parque com diversas outras estruturas para atividades esportivas.

O “Miyagi Stadium” (ver **Figura 9**) foi concluído com capacidade para 49 mil pessoas, com um custo de 585 milhões de dólares (Stadium DB, 2015-b), seguindo um conceito multiuso para diversas modalidades esportivas. Mas, após o mundial, o estádio foi pouco utilizado, recebendo apenas alguns jogos de futebol da seleção japonesa, e de um dos times da liga japonesa. Seu difícil acesso era um dos principais obstáculos para uma maior e melhor utilização.

Atualmente conta com um alto custo de manutenção, custo esse reduzido pela renda decorrente da realização de eventos que as outras instalações do complexo conseguem abranger. Porém o estádio ainda é visto como um fracasso para o governo japonês.



Figura 7: Miyagi Stadium
Fonte: Info Stades, 2015.

2.2.3. Zentralstadion (Red Bull Arena) & Allianz Arena

Em 2006, apesar do exemplo de organização do modelo de gestão alemão, também ocorrem problemas com estádios. O estádio conhecido como “Zentralstadion”, localizado em Leipzig, teve um custo baixo para a sua reforma. Foram gastos 90 milhões de euros, divididos entre o poder público e um investidor privado (Stadium DB, 2015-c)

Aproveitou-se a estrutura já existente do estádio, mantendo-se a capacidade de 100 mil pessoas, mas para um modesto clube da quarta divisão alemã essa capacidade era excessiva. Antes mesmo da Copa, a média de público do estádio era de apenas três mil espectadores. Somente em 2009, um novo time passou a utiliza-lo (o RB Leipzig), quando o estádio passou a se chamar “Red Bull Arena” (ver **Figura 10**) em razão do acordo de patrocínio conseguido pela equipe.

Nos anos seguintes o clube subiu até a segunda divisão alemã e, com isso, sua popularidade cresceu. Consequentemente o estádio finalmente começou a receber um maior número de visitantes, deixando aos poucos de ser um problema para o governo de Leipzig.



Figura 8: Red Bull Arena

Fonte: Info Stades, 2015.

Ainda na Alemanha foi construído, em 2005, o “Allianz Arena” (ver **Figura 11**), estádio criado para a Copa do Mundo FIFA, localizado em Munique. O caso desse estádio difere dos outros já abordados por ser um estádio privado de um clube de futebol de sucesso, o FC Bayern Munich. Seus proprietários identificaram o evento como uma forma de elevar o clube para níveis superiores.

Atualmente, todos os seus 75.024 lugares são ocupados durante a maioria das partidas do campeonato alemão, justificando o investimento de 340 milhões de euros (Stadium DB, 2015-c), muito abaixo do valor pago para a reforma do Estádio Nacional de Brasília. São situações diferentes, mas o estádio alemão serviu como um dos fatores de mudança para o futebol do país.



Figura 9: Allianz Arena
Fonte: FC Bayern Munich (site oficial), 2015.

2.2.4. Estádio *Mbombela* e *Soccer City*

Em 2010, na África do Sul, as discussões sobre o legado da Copa do Mundo foram mais intensas do que em outras edições do evento. Cinco anos depois já é possível notar aspectos positivos e negativos na utilização dos estádios construídos.

O pequeno município Nelspruit é um dos maiores pontos turísticos da África do Sul, por sediar o Parque Nacional Kruger, uma reserva onde é realizado ecoturismo, recebendo um milhão de turistas por ano. Por já ser uma cidade turística, e com bom poder econômico, o governo definiu pela construção do Estádio “Mbombela”, como estratégia de potencialização do setor. De toda forma, ainda que cidade recebesse um grande número de turistas, a população local estava diante de um cenário de notória desigualdade social.

O custo do estádio foi de, apenas, 145 milhões de dólares, atestando a capacidade para 40 mil torcedores (Stadium DB, 2015-d). Porém, assim como muitos casos já abordados neste estudo, a cidade não possuía um time de futebol.

O estádio está localizado em uma área pobre, criando um contraste entre a riqueza do Estádio *Mbombela* (ver **Figura 12**) e a baixa renda da população que, até hoje, aguarda por conclusões de obras de infraestrutura nos arredores da construção. Atualmente, sua utilização é baixa, recebendo apenas alguns jogos da seleção do país e de um time de futebol que, agora, é o mandatário de seus jogos no estádio, mas com uma média de apenas 6,1 mil visitantes por jogo, muito pouco para justificar a construção do estádio.



Figura 10: O ESTÁDIO MBOMBELA

Fonte: TRIVELA, 2014.

Mas a Copa do Mundo de 2010 não teve apenas exemplos negativos na utilização de seus estádios. O *Soccer City* (ver **Figura 13**) é um exemplo positivo de estádio na África do Sul. Com a capacidade para 94.736 pessoas, e um custo de 440 milhões de dólares (Stadium DB, 2015-d), o estádio localizado em Johannesburgo foi totalmente reformado para receber o mundial.



Figura 13: Soccer City na final da Copa do Mundo de 2010
Fonte: Reuters, 2010.

O estádio recebe jogos de futebol e rúgbi, além de shows musicais, e justifica seus gastos por meio do lucro de seus eventos. Mas o grande ganho foi com a revitalização do subúrbio de Nasrec que, até antes do mundial, era abandonado. Com a construção do estádio vieram outras obras de infraestrutura e de transporte que acabaram por desenvolver a região.

2.3. O Mané Garrincha e outros estádios: Semelhanças e diferenças

Além do Estádio Nacional, outros estádios construídos para a Copa do Mundo no Brasil têm história parecida com os já trabalhados até aqui, e precisam ser citados. Localizada em Manaus, a Arena da Amazônia, teve um custo de 605 milhões de reais, e conta com capacidade para 44.351 milhões de pessoas. Assim como outros já apresentados, também enfrenta questionamentos sobre a sua utilização futura.

Outro estádio com história parecida é a Arena Pantanal, construída em Cuiabá, que custou 519 milhões de reais e possui a capacidade 43.600 torcedores.

A seguir, a partir do **Quadro 1**, é apresentada uma síntese das características intrínsecas aos exemplos abordados neste estudo, como forma de análise comparativa.

Estádio	Cidade	Custo (US\$)	Capacidade	Administração
Estádio Nacional Mané Garrincha	Brasília (BRA)	800 milhões	72.788	Pública
Arena da Amazônia	Manaus (BRA)	290 milhões	44.351	Pública
Arena Pantanal	Cuiabá (BRA)	245 milhões	43.600	Pública
Stade de France	Saint-Denis (FRA)	974 milhões	80.000	Pública
Estádio Miyagi	Miyagi (JAP)	585 milhões	49.000	Pública
Jeju Stadium	Seogwipo (COR)	120 milhões	35.000	Pública
Allianz Arena	Munique (ALE)	438 milhões	75.024	Privada
Red Bull Arena	Leipzig (ALE)	115 milhões	100.000	Privada
Estádio Mbombela	Nelspruit (AFS)	145 milhões	40.000	Pública
Soccer City	Joanesburgo (AFS)	440 milhões	94.736	Privada

Quadro 1: Resumo das características dos estádios abordados pelo estudo

Fonte: Elaborado pelo autor, 2015.

Analisando pelo ponto de vista do custo e capacidade, O Estádio Nacional de Brasília se assemelha ao Stade de France. Além disso é localizado na capital do país, enquanto o estádio francês se localiza no entorno de Paris. O público francês já se identifica com o estádio pelo fato de receber a maioria dos jogos do time nacional de futebol, enquanto que a Confederação Brasileira de Futebol - CBF tem tido preferência em realizar seus amistosos nos Estados Unidos e na Inglaterra, distanciando a relação entre “Seleção e torcedor”. Conseqüentemente a relação entre “Estádio e torcedor” acaba não acontecendo como na França.

A privatização para redução de custos, ocorrida no Soccer City, pode ser um indicativo para a experiência brasileira, mas talvez a gestão atual do DF ainda possa insistir em seu uso público. A inexistência de um clube de futebol de grande expressão

atrapalha como em alguns casos trabalhados, mas a localização do estádio em uma zona central da cidade facilita seu acesso.

Além de se caracterizar os estádios que possuem elementos semelhantes ao Estádio Nacional de Brasília “Mané Garrincha”, é necessário se reconhecer o meio ao qual ele está inserido, a cidade de Brasília e seu entorno, para que, posteriormente, se possa identificar qual a relação da população local com o estádio.

2.4. Brasília – DF: Uma análise multidimensional

Fundada em 21 de abril de 1960 durante o governo de Juscelino Kubitschek, Brasília foi idealizada com o objetivo de ser a capital do Brasil, pela transferência da capital do litoral para a região Centro-Oeste do país. A cidade localiza-se no Distrito Federal, delimitado em 1955, ocupando parte do Estado de Goiás.

Planejada por Lúcio Costa com um conceito singular, Brasília foi estruturada por meio da separação das áreas residenciais das áreas comerciais, e designando outros espaços para atividades específicas, como o Setor Hoteleiro Norte, Setor de Industrias Gráficas e etc. Os dois eixos da cidade se juntam formando um desenho parecido com o de um avião, criando assim o Plano Piloto (ver **Figura 14**).

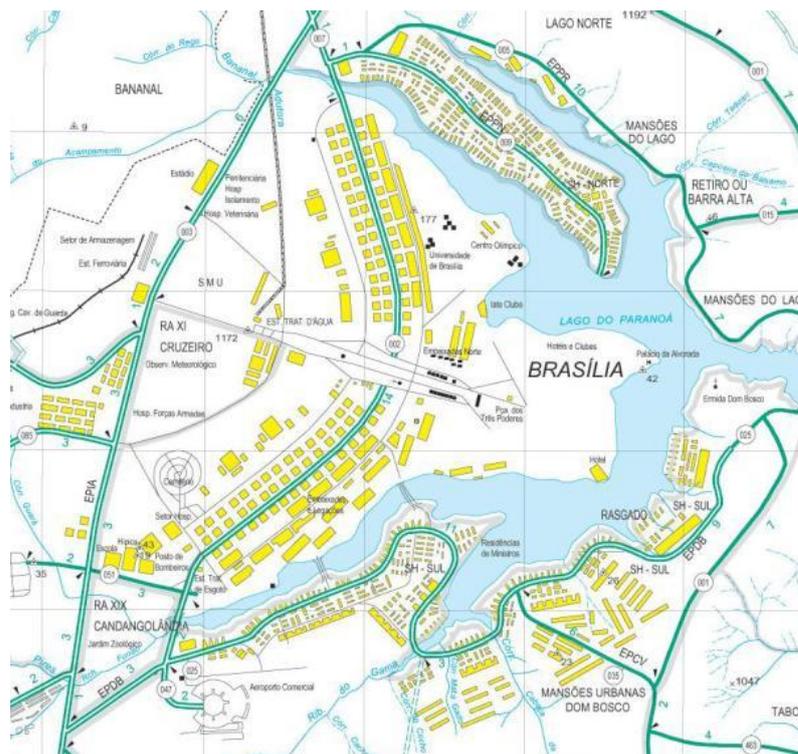


Figura 14: Mapa de Brasília
Fonte: EMBRASIL, 2015.

Em 1987, Brasília foi tombada como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade pela UNESCO. É conhecida por ser um museu a céu aberto, e conta com obras arquitetônicas de Oscar Niemayer, principalmente em sua área central.

No ano de 2014, o Aeroporto Internacional de Brasília movimentou um fluxo de 18.146.405 de passageiros, registrando um aumento de 10% em relação ao ano de 2013 (INFRAMERICA, 2015). Com esse resultado o Aeroporto se tornou o segundo mais movimentado do país, ficando atrás somente do Aeroporto de Guarulhos (SP). É claro que esse número não reflete diretamente no número de turistas, mas ajuda a ressaltar a importância de seu Aeroporto para o país.

O número de turistas durante o período da Copa do Mundo de 2014 foi de 633 mil pessoas, sendo 488.903 turistas nacionais e 143.743 turistas estrangeiros. Desses 633 mil turistas, 98% aprovaram a cidade e pretendem voltar durante o mundial (SETUR/DF, 2014)

Segundo o Decreto 10.829/87 o Plano Piloto abrange a região central de Brasília - Rodoviária, Eixo Monumental e Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes – e as Asa Sul e Norte. Além disso abriga outras três Regiões Administrativas, o Sudoeste/Octogonal, Cruzeiro e a Candangolândia.

Mas Brasília não é somente o Plano Piloto. O Distrito Federal possui 2.852.372 habitantes (IBGE, 2014), espalhados por 31 Regiões Administrativas (RAs) que formam este ente da federação. (Ver **Figura 15**)



Figura 15: As Regiões Administrativas do Distrito Federal

Fonte: Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (DF) - SEMARH, 2015.

Os dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal - CODEPLAN (2013) mostram o abismo da desigualdade social existente entre as Regiões Administrativas do Distrito Federal, que ajudam a entender a realidade da população.

Enquanto a pesquisa da CODEPLAN mostra a RA do Plano Piloto com 64,08% de sua população com nível superior, dois terços das outras RAs de entorno possuem menos de 30% de sua população com nível superior. (Exemplos: São Sebastião – 10,65%, Ceilândia – 10,09%, Varjão - 5,28%, Fercal - 3,54%). Os dados completos sobre o total de habitantes e os respectivos níveis de escolaridade dessas RAs são apresentados a partir da Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios do Distrito Federal (PDAD/DF, 2013), na **Tabela 1** a seguir.

Tabela 6.2 - População por nível de escolaridade, segundo as Regiões Administrativas - Distrito Federal - 2013

(continua)

Distrito Federal e Regiões Administrativas	Total	Nível de Escolaridade						
		Analfabeto (15 anos ou mais)	Sabe ler e escrever (15 anos ou mais)	Alfabetização de adultos	Maternal e creche	Jardim I e II/Pré Escolar	EJA Fundamental incompleto	EJA Fundamental completo
Valores Absolutos								
Plano Piloto	216.489	769	907	68	3.208	3.623	316	138
Gama	134.958	3.623	2.847	345	1.294	2.976	690	86
Taguatinga	212.863	3.136	4.068	636	1.653	3.814	381	170
Brazlândia	51.121	1.838	1.470	100	535	1.504	100	33
Sobradinho	63.715	429	733	278	531	909	328	76
Planaltina	185.375	5.100	2.062	3.340	833	3.418	5.198	1.135
Paranoá	46.233	2.071	532	1.287	392	1.035	644	28
Núcleo Bandeirante	23.714	205	439	0	263	366	29	15
Ceilândia	451.872	15.405	9.190	643	3.296	8.698	1.222	287
Guará	119.923	632	692	120	1.716	2.378	211	120
Cruzeiro	32.182	21	64	127	276	573	42	21
Samambaia	228.356	5.075	7.015	597	1.866	5.149	2.612	672
Santa Maria	122.721	2.803	2.606	639	836	3.638	1.868	98
São Sebastião	98.908	2.051	499	1.608	721	2.051	610	166
Recanto das Emas	138.997	2.923	3.499	1.019	1.107	2.082	6.999	1.462
Lago Sul	30.629	109	16	16	311	452	62	78
Riacho Fundo	37.606	623	356	67	356	935	45	22
Lago Norte	34.182	120	20	80	339	538	20	40
Candangolândia	16.886	327	404	58	260	385	48	0
Águas Claras	118.864	289	1.270	170	2.198	2.626	67	107
Riacho Fundo II	39.424	492	669	0	394	945	79	20
Sudoeste/Octogonal	52.273	0	49	0	1.153	614	98	0
Varjão	9.292	265	77	193	132	276	94	6
Park Way	19.727	170	109	0	291	436	24	24
SCIA - Estrutural	35.094	909	2.035	158	59	534	217	20
Sobradinho II	97.466	1.215	770	948	770	2.103	89	0
Jardim Botânico	25.302	90	120	30	389	554	60	0
Itapoã	59.694	1.548	701	1.098	565	1.480	1.340	93
S I A	1.997	13	26	0	23	42	0	3
Vicente Pires	72.415	485	925	110	815	1.255	66	22
Fercal	8.408	298	93	103	31	93	41	0
Distrito Federal	2.786.684	53.033	44.262	13.839	26.613	55.482	23.601	4.941

Tabela 1: População do DF por nível de escolaridade.

Fonte: CODEPLAN, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD/DF, 2013)

A renda domiciliar média mensal também ilustra a diferença abismal entre as RAs do Distrito Federal. Os moradores do Plano Piloto possuem renda domiciliar média mensal de 16,39 salários mínimos (R\$ 11.866,79), enquanto que mais de dois terços das RAs de entorno possuem a renda domiciliar média mensal com menos da metade desse valor. Os dados completos sobre são apresentados na **Tabela 2**, a seguir.

Tabela 10.7 - Renda Domiciliar Média Mensal, Per Capita Média Mensal e Gini, segundo as Regiões Administrativas - Distrito Federal - 2013

Distrito Federal e Regiões Administrativas	Renda Domiciliar Média Mensal		Renda Per Capita Média Mensal		GINI
	Valores Absolutos R\$ 1,00	Valores em Salários Mínimos	Valores Absolutos R\$ 1,00	Valores em Salários Mínimos	
Valores Absolutos					
Plano Piloto	11.866,79	16,39	4.451,87	6,57	0,389
Gama	3.776,98	5,22	1.103,93	1,63	0,431
Taguatinga	5.126,27	7,08	1.635,12	2,41	0,453
Brazlândia	2.749,33	3,80	818,30	1,21	0,444
Sobradinho	5.463,15	7,55	1.594,26	2,35	0,452
Planaltina	2.647,74	3,66	728,72	1,07	0,491
Paranoá	2.651,09	3,66	741,71	1,09	0,418
Núcleo Bandeirante	4.778,49	6,60	1.500,18	2,21	0,463
Ceilândia	2.516,50	3,48	720,49	1,06	0,418
Guará	6.882,62	9,51	2.279,91	3,36	0,426
Cruzeiro	7.864,56	10,86	2.532,13	3,73	0,351
Samambaia	2.716,63	3,75	765,32	1,13	0,409
Santa Maria	2.586,83	3,57	708,50	1,04	0,404
São Sebastião	2.697,69	3,73	764,05	1,13	0,403
Recanto das Emas	2.454,83	3,39	662,28	0,98	0,420
Lago Sul	20.464,01	28,27	6.510,10	9,60	0,350
Riacho Fundo	4.406,80	6,09	1.346,09	1,99	0,444
Lago Norte	13.423,28	18,54	4.558,40	6,72	0,388
Candangolândia	4.010,56	5,54	1.114,19	1,64	0,429
Águas Claras	9.619,64	13,29	3.158,29	4,66	0,469
Riacho Fundo II	2.747,34	3,79	759,93	1,12	0,402
Sudoeste/Octogonal	13.995,64	19,33	6.144,17	9,06	0,371
Varjão	1.873,32	2,59	501,91	0,74	0,353
Park Way	16.901,36	23,34	4.871,39	7,18	0,352
SCIA - Estrutural	1.440,51	1,99	367,50	0,54	0,318
Sobradinho II	5.520,14	7,62	1.518,41	2,24	0,487
Jardim Botânico	13.404,02	18,51	4.132,91	6,10	0,381
Itapoã	2.665,86	3,68	726,93	1,07	0,270
S I A	5.474,28	7,56	1.500,84	2,21	0,321
Vicente Pires	7.452,58	10,29	2.075,47	3,06	0,398
Fercal	2.085,30	2,88	574,31	0,85	0,379
Distrito Federal	5.015,04	6,93	1.489,57	2,20	0,474

Tabela 2: Renda Domiciliar Média Mensal.

Fonte: CODEPLAN, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD/DF, 2013)

As RAs do Varjão e Estrutural são as duas únicas com Renda Domiciliar Média Mensal abaixo de R\$ 2.000, com uma grande diferença no Índice de Gini¹. Observa-se que no Varjão além da Renda Domiciliar Média ser de apenas R\$ 1.873,32, seu Índice de Gini é maior do que a existente na Estrutural. É possível observar o contraste existente entre o Varjão e sua RA vizinha, o Lago Norte, onde seus moradores possuem uma Renda Domiciliar Média de R\$ 13.423,28, um número sete vezes maior do que o encontrado no Varjão.

Continuando na análise do Índice de Gini, é possível observar que a Região Administrativa de Itapoã apresenta a melhor distribuição de renda entre os moradores, mas observar esse valor de maneira isolada pode ser enganoso, pois a Renda

¹ O Índice de Gini aponta a desigualdade de distribuição de renda existente entre os habitantes de determinada Região Administrativa, quanto maior o valor do Índice, maior a desigualdade existente.

Domiciliar Média é de apenas R\$ 2.665,86. Planaltina tem uma Renda Domiciliar Média de R\$ 2647,74, muito semelhante ao valor de Itapoã, porém um agravante é seu Índice de Gini que apresenta a maior desigualdade do DF, indicado pelo valor de 0,491.

Para continuar a caracterização das Regiões Administrativas do Distrito Federal, é necessário compreender o conceito de População com Idade Ativa (PIA), que é representada pela parcela da população com 15 anos ou mais (IBGE, 2012). Na **Tabela 3** será utilizado o conceito antigo do IBGE de população com 10 anos ou mais, critério utilizado pela CODEPLAN – DF.

A PIA se divide em outros dois grupos: a População Economicamente Ativa (que por sua vez se subdivide em População Ocupada e População Desocupada) e População Não Economicamente Ativa.

A População Economicamente Ativa (PEA) compreende o potencial de mão-de-obra com que se pode contar o setor produtivo, isto é, a população ocupada e a população desocupada, assim definidas:

- População Ocupada - aquelas pessoas que, num determinado período de referência, trabalharam ou tinham trabalho mas não trabalharam (por exemplo, pessoas em férias).
- População Desocupada - aquelas pessoas que não tinham trabalho, num determinado período de referência, mas estavam dispostas a trabalhar, e que, para isso, tomaram alguma providência efetiva (consultando pessoas, jornais, etc.). (IBGE, 2013).

Já a População Não Economicamente Ativa compreende as pessoas não classificadas como ocupadas ou desocupadas. (IBGE, 2013).

Na **Tabela 3**, é possível identificar a PIA de cada Região Administrativa trabalhada de uma maneira diferente, subdivida em três grupos de atividade: “não tem atividade”, “tem trabalho remunerado” e “aposentado”.

Tabela 10.1 - População, por situação de atividade, segundo as Regiões Administrativas - Distrito Federal - 2013

(Continua)

Distrito Federal e Regiões Administrativas	Total	Menor de 10 anos	Subtotal	Situação de Atividade		
				Não tem atividade	Tem trabalho remunerado	Aposentado
Valores Absolutos						
Piano Piloto	216.489	18.433	198.056	4.849	98.758	42.468
Gama	134.958	15.225	119.733	3.192	52.232	19.107
Taguatinga	212.863	21.443	191.420	5.255	90.942	31.275
Brazlândia	51.121	7.250	43.870	1.103	21.083	4.344
Sobradinho	63.715	7.402	56.313	1.592	27.638	7.554
Planaltina	185.375	28.374	157.001	8.151	72.889	14.011
Paranoá	46.233	6.409	39.824	1.371	20.906	3.386
Núcleo Bandeirante	23.714	2.385	21.328	263	11.586	2.604
Ceilândia	451.872	62.012	389.859	9.107	182.129	43.337
Guará	119.923	12.101	107.823	4.365	55.657	17.007
Cruzeiro	32.182	2.654	29.529	828	15.879	4.691
Samambaia	228.356	31.343	197.013	6.940	99.701	15.970
Santa Maria	122.721	17.307	105.415	2.852	51.429	9.440
São Sebastião	98.908	15.080	83.827	1.663	45.850	4.435
Recanto das Emas	138.997	18.515	120.481	3.942	59.311	7.264
Lago Sul	30.629	2.149	28.482	498	14.051	6.478
Riacho Fundo	37.606	4.809	32.795	935	17.589	3.317
Lago Norte	34.182	3.049	31.131	498	17.320	5.959
Candangolândia	16.886	1.923	14.963	577	7.145	1.750
Águas Claras	118.864	15.638	103.227	2.634	57.666	12.077
Riacho Fundo II	39.424	5.373	34.052	905	17.085	2.815
Sudoeste/Octogonal	52.273	4.786	47.486	736	29.425	7.436
Varjão	9.292	1.604	7.689	198	3.974	270
Park Way	19.727	1.672	18.055	267	8.955	4.023
SCIA - Estrutural	35.094	7.548	27.544	968	13.259	632
Sobradinho II	97.466	13.005	84.461	2.962	40.231	9.628
Jardim Botânico	25.302	3.011	22.291	255	12.149	3.146
Itapoá	59.694	11.302	48.392	2.473	25.507	2.399
S I A	1.997	246	1.750	78	919	19
Vicente Pires	72.415	8.567	63.849	1.784	32.596	8.215
Fercal	8.408	1.490	6.917	293	3.243	416
Distrito Federal	2.786.684	352.107	2.434.576	71.536	1.207.111	295.475
Valores Relativos (%)						
Piano Piloto			100,00	2,45	49,86	21,44
Gama			100,00	2,67	43,62	15,96
Taguatinga			100,00	2,75	47,51	16,34
Brazlândia			100,00	2,51	48,06	9,90
Sobradinho			100,00	2,83	49,08	13,41
Planaltina			100,00	5,19	46,43	8,92
Paranoá			100,00	3,44	52,50	8,50
Núcleo Bandeirante			100,00	1,23	54,32	12,21
Ceilândia			100,00	2,34	46,72	11,12
Guará			100,00	4,05	51,62	15,77
Cruzeiro			100,00	2,80	53,77	15,89
Samambaia			100,00	3,52	50,61	8,11
Santa Maria			100,00	2,71	48,79	8,96
São Sebastião			100,00	1,98	54,70	5,29
Recanto das Emas			100,00	3,27	49,23	6,03
Lago Sul			100,00	1,75	49,37	22,74
Riacho Fundo			100,00	2,85	53,63	10,11
Lago Norte			100,00	1,60	55,64	19,14
Candangolândia			100,00	3,86	47,75	11,70
Águas Claras			100,00	2,55	55,86	11,70
Riacho Fundo II			100,00	2,66	50,17	8,27
Sudoeste/Octogonal			100,00	1,55	61,97	15,66
Varjão			100,00	2,58	51,68	3,51
Park Way			100,00	1,48	49,60	22,28
SCIA - Estrutural			100,00	3,51	48,14	2,29
Sobradinho II			100,00	3,51	47,63	11,40
Jardim Botânico			100,00	1,14	54,50	14,11
Itapoá			100,00	5,11	52,71	4,96
S I A			100,00	4,46	52,51	1,09
Vicente Pires			100,00	2,79	51,05	12,87
Fercal			100,00	4,24	46,88	6,01
Distrito Federal			100,00	2,94	49,58	12,14

Tabela 3: População por Situação de Atividade

Fonte: CODEPLAN, PDAD/DF, 2013.

É possível constatar que Gama e Ceilândia possuem o menor índice de moradores com trabalho remunerado. Isso permite entender o motivo pelo qual a

Renda Domiciliar Média nessas Regiões Administrativas também é baixa. Por outro lado, algumas RAs que apresentaram uma boa Renda Domiciliar Média apresentam um alto índice de moradores aposentados, como é o caso do Plano Piloto (21,44% da PIA), Lago Sul (22,74% da PIA) e Park Way (22,28% da PIA).

A Região Administrativa de Planaltina, que apresentou a maior desigualdade social existente no DF, também apresenta o maior índice de pessoas sem atividade, representado por 5,19% da PIA. Também é possível notar uma relação entre a escolaridade e o desemprego, quando as RAs que apresentam o pior índice de escolaridade também apresentam o maior número de moradores sem trabalho remunerado.

Outro aspecto relevante a ser analisado para entender a realidade dos moradores das RAs do Distrito Federal é o da saúde. A **Tabela 4** apresenta a parcela da população de cada RA que possui um plano de saúde, primeiramente em números absolutos, e em um segundo momento em números relativos. Esta análise é fundamental para se entender a situação dos moradores de cada RA quanto à estrutura de suporte a qualidade de vida.

É possível observar que em Ceilândia, 375.464 pessoas não possuem um plano de saúde, o que significa ser a RA com o maior número de pessoas não contempladas com plano de saúde, representando 84,93% de seus 451.872 moradores. Analisando os valores relativos, novamente é necessário destacar a situação das RAs de Varjão e Estrutural, em que mais de 90% de seus moradores não possuem um plano de saúde e contarão com o Sistema Único de Saúde – SUS, que se encontra em situação alarmante no país. Por outro lado, mais de 90% dos moradores do Sudoeste/Octogonal possuem plano saúde, escancarando mais uma vez a desigualdade existente na qualidade de vida das RAs do Distrito Federal.

A análise do contexto socioeconômico local, referente às regiões administrativas do DF, permitiu abrir espaço para a reflexão sobre a importância do Estádio Nacional Mané Garrincha como instrumento de suporte ao desenvolvimento regional e local, e como estrutura consistente de lazer a ser oferecida não apenas aos habitantes de maior poder aquisitivo, como também para as comunidades do entorno, haja vista a contribuição de recursos públicos (impostos) que ambos os grupos arcaram para sua viabilização.

Tabela 14.1 - População, por existência de plano de saúde, segundo as Regiões Administrativas - Distrito Federal - 2013

Distrito Federal e Regiões Administrativas	Existência de Plano de Saúde				
	Total	Não possuem	Empresarial	Individual	Não sabem
Valores Absolutos					
Plano Piloto	216.489	33.611	159.455	23.361	63
Gama	134.958	99.893	27.087	7.936	43
Taguatinga	212.863	120.607	67.889	23.986	381
Brazlândia	51.121	41.865	6.950	2.305	0
Sobradinho	63.715	38.754	22.384	2.501	76
Planaltina	185.375	163.857	17.005	4.472	40
Paranoá	46.233	42.315	3.442	476	0
Núcleo Bandeirante	23.714	14.702	7.124	1.873	15
Ceilândia	451.872	375.464	58.364	17.973	71
Guará	119.923	49.667	60.353	9.873	30
Cruzeiro	32.182	12.631	14.923	4.606	21
Samambaia	228.356	187.611	29.701	11.045	0
Santa Maria	122.721	103.399	15.684	3.589	49
São Sebastião	98.908	86.711	10.090	1.996	111
Recanto das Emas	138.997	116.849	17.275	4.607	266
Lago Sul	30.629	4.142	20.819	5.652	16
Riacho Fundo	37.606	23.668	10.865	3.073	0
Lago Norte	34.182	7.514	22.303	4.365	0
Candangolândia	16.886	11.847	3.683	1.337	19
Águas Claras	118.864	35.410	61.589	21.827	38
Riacho Fundo II	39.424	32.122	5.570	1.732	0
Sudoeste/Octogonal	52.273	4.786	33.940	13.498	49
Varjão	9.292	8.901	309	83	0
Park Way	19.727	3.211	10.639	5.865	12
SCIA - Estrutural	35.094	33.315	1.601	178	0
Sobradinho II	97.466	65.827	26.574	5.066	0
Jardim Botânico	25.302	6.906	14.516	3.835	45
Itapoá	59.694	53.554	4.720	1.389	31
S I A	1.997	282	1.670	45	0
Vicente Pires	72.415	34.380	26.957	10.990	88
Fercal	8.408	7.519	750	139	0
Distrito Federal	2.786.684	1.821.318	764.231	199.672	1.454
Valores Relativos (%)					
Plano Piloto	100,00	15,60	73,69	10,67	0,03
Gama	100,00	74,02	20,07	5,88	0,03
Taguatinga	100,00	56,66	31,89	11,27	0,18
Brazlândia	100,00	81,90	13,59	4,51	0,00
Sobradinho	100,00	60,82	35,13	3,93	0,12
Planaltina	100,00	89,80	7,77	2,40	0,02
Paranoá	100,00	91,53	7,45	1,03	0,00
Núcleo Bandeirante	100,00	62,00	30,04	7,90	0,05
Ceilândia	100,00	84,93	11,77	3,29	0,01
Guará	100,00	41,42	50,33	8,23	0,03
Cruzeiro	100,00	39,25	46,37	14,31	0,07
Samambaia	100,00	82,16	13,01	4,84	0,00
Santa Maria	100,00	84,25	12,78	2,92	0,04
São Sebastião	100,00	87,67	10,20	2,02	0,11
Recanto das Emas	100,00	84,07	12,43	3,31	0,19
Lago Sul	100,00	13,52	67,97	18,45	0,05
Riacho Fundo	100,00	62,94	28,89	8,17	0,00
Lago Norte	100,00	21,98	65,25	12,77	0,00
Candangolândia	100,00	70,16	21,81	7,92	0,11
Águas Claras	100,00	38,65	45,66	15,66	0,02
Riacho Fundo II	100,00	81,48	14,13	4,39	0,00
Sudoeste/Octogonal	100,00	9,15	64,93	25,82	0,09
Varjão	100,00	95,79	3,32	0,89	0,00
Park Way	100,00	16,28	53,93	29,73	0,06
SCIA - Estrutural	100,00	94,93	4,56	0,51	0,00
Sobradinho II	100,00	67,54	27,26	5,20	0,00
Jardim Botânico	100,00	27,29	57,37	15,16	0,18
Itapoá	100,00	77,09	17,46	5,42	0,03
S I A	100,00	14,10	83,63	2,27	0,00
Vicente Pires	100,00	47,48	37,23	15,18	0,12
Fercal	100,00	89,43	8,92	1,65	0,00
Distrito Federal	100,00	65,36	27,42	7,17	0,05

Tabela 4: Plano de Saúde

Fonte: CODEPLAN, Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD/DF, 2013)

3. AS CONTRIBUIÇÕES DO MANÉ GARRINCHA

3.1. Metodologia

A realização do estudo foi baseada em uma análise qualitativa dos dados coletados, através de um estudo de caso que permitiu ampliar as discussões sobre as contribuições socioeconômicas do Estádio para as populações das RAs do entorno do Plano Piloto. O desenvolvimento do trabalho foi realizado em cinco etapas, detalhadas a seguir.

3.1.1. Revisão da Literatura

A primeira etapa do estudo foi destinada à revisão do conteúdo teórico-epistemológico, por meio de pesquisa bibliográfica com a leitura de autores de referência. A partir da revisão da literatura foi possível ampliar o quadro de discussão sobre as temáticas centrais do trabalho, assim como criar novos olhares sob a complexidade do desenvolvimento local, regional e turístico de Brasília.

As principais discussões e conceitos utilizados perpassaram pelos debates sobre (a) a epistemologia do turismo, (b) a visão sistêmica aplicada ao turismo por meio de modelos de Leiper e Beni, (c) a cadeia produtiva de turismo, (d) e os pressupostos da sustentabilidade e desenvolvimento local e regional.

3.1.2. Caracterização do Estádio e de Brasília

A segunda etapa consistiu em uma caracterização completa do Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha, além de uma caracterização multidimensional da cidade de Brasília-DF e suas Regiões Administrativas. Para tal, foram realizadas pesquisas documentais e bibliográficas.

Para a caracterização do Estádio Nacional de Brasília e dos estádios similares, foram analisados dados obtidos em sítios de notícias e governamentais, assim como de reportagens feitas por jornais e televisão. Com esses dados foi possível obter informações do Estádio desde sua construção até os dias atuais, possibilitando, também, a realização de comparações com casos semelhantes ao redor do mundo.

Já para a caracterização de Brasília e suas Regiões Administrativas, além da pesquisa bibliográfica que permitiu a elaboração de uma breve contextualização histórica, foram feitas pesquisas documentais de dados de pesquisas apresentados pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal – CODEPLAN, SETUR e INFRAMERICA. A pesquisa da CODEPLAN foi importante para a visualização do Distrito Federal de forma multidimensional, analisando a renda, emprego e saúde dos moradores das Regiões Administrativas. Desta maneira foi possível demonstrar as diferenças socioeconômicas existentes nas Regiões Administrativas do Distrito Federal, principalmente a diferença entre as RAs presentes no Plano Piloto de Brasília e o entorno da cidade.

3.1.3. Planejamento do Trabalho de Campo

A terceira etapa serviu para planejar o trabalho de campo realizado. Um estudo de caso busca conhecer em profundidade os processos e relações sociais de uma situação ou objeto (DENCKLER, 1998). Para tal, foram realizados levantamentos de informações por fontes primárias por meio de entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas semiestruturadas foram escolhidas no intuito de obter informações sob pontos de vistas diferentes sobre a relação existente entre o Estádio e os moradores das RAs de baixa renda do DF. As entrevistas semiestruturadas permitem obter informações além das apontadas nas perguntas planejadas, e possibilitam identificar pontos de vistas diferentes que geram orientações e hipóteses para aprofundar a investigação (TOMAR, 2007). Com objetivo de extrair o melhor conteúdo de informações de cada entrevistado, a entrevista semiestruturada se mostrou a melhor opção. Denckler (1998) ressalta a importância da escolha dos entrevistados:

O pesquisador precisa localizar as pessoas que, em função do cargo que ocupam, de sua experiência de vida e de sua situação em relação ao objeto de estudo, acumulam informações preciosas sobre o problema que se pretende investigar. (DENCKLER, 1998, p.138)

Foram escolhidos três entrevistados. O primeiro se refere ao principal representante do órgão gestor do Estádio (SETUR), responsável por sua

administração. A sua participação na pesquisa permitiu obter o ponto de vista da própria iniciativa pública a respeito do Estádio e suas contribuições.

Os outros dois entrevistados foram escolhidos na busca por um papel de contraponto com a opinião da Administração do Estádio. Para tanto foi necessário escolher dois representantes comunitários de duas Regiões Administrativas. O primeiro, representante da Associação Comunitária dos Moradores de Ceilândia, foi escolhido pelo fato de demograficamente ser a maior Região Administrativa fora do Plano Piloto. Com a análise dos dados obtidos foi possível observar que a qualidade de vida dos moradores de Ceilândia é bem distante da dos moradores do Plano Piloto, Lago Sul, Lago Norte e outras Regiões Administrativas com melhores condições socioeconômicas.

O outro entrevistado escolhido foi uma liderança comunitária da Região Administrativa do Varjão, que ao lado da RA da Estrutural, foi a Região com condições socioeconômicas mais precárias. A escolha do Varjão se baseou, também, na contradição da proximidade de uma das Regiões Administrativas mais ricas de Brasília, a do Lago Norte. Vivendo tão próxima de uma região desenvolvida, mas, por vezes ignorada, julgou-se importante analisar o ponto de vista de uma representante da comunidade do Varjão.

Com a escolha dos três entrevistados foi possível analisar as contribuições do Estádio Nacional pelo ponto de vista dos gestores, assim como pelo ponto de vista da maior Região Administrativa do DF, e de uma das mais pobres também.

Foi feita a elaboração do roteiro de entrevistas sendo a entrevista com o gestor do Estádio (**APÊNDICE 1**) diferente das entrevistas elaboradas para os representantes das RAs do Distrito Federal (**APÊNDICE 2**). Isso ocorre para se obter um maior foco na visão administrativa do gestor, e na visão dos representantes de comunidade das RAs, que por estarem em posições diferentes, tem leituras sob diferentes focos em relação ao Estádio, por isso são necessários roteiros de entrevistas diferentes.

3.1.4. Realização do Trabalho de Campo

Após elaborados os roteiros das entrevistas, foi feito um contato inicial com cada um dos entrevistados para a explicação do trabalho de pesquisa e para verificar suas disponibilidades de horários para agendamento. Entre os dias 23 de junho e 03 de julho foram realizadas as entrevistas, com o deslocamento do pesquisador até o Estádio Nacional de Brasília, e às RAs de Ceilândia e do Varjão. Além de anotações feitas durante a realização da entrevista, utilizou-se um gravador (com a permissão dos entrevistados) e, em seguida, pôde-se transcrever as principais falas que seriam aproveitadas na análise.

3.1.5. Análise dos Dados Obtidos

Após a coleta de dados, foi possível transcrever os pontos mais importantes de cada entrevista e descreve-las no estudo. Em um segundo momento os dados encontrados em reportagens da mídia brasileira, a respeito do Estádio, foram colocados para dialogar com os dados dos entrevistados.

Juntando cada informação obtida pelas entrevistas e os dados obtidos com reportagens da mídia, foi possível criar um diálogo entre a comunidade local, a gestão do Estádio e opinião da mídia, tendo assim uma visão ampla do contexto trabalhado.

Uma visão crítica é necessária para compreender as contribuições do Estádio para a comunidade do Distrito Federal. Além disso, todos os dados obtidos na caracterização e todo o conteúdo teórico abordado até aqui foram úteis para uma análise mais aprofundada do tema.

3.2. Resultados Obtidos – O ponto de vista de cada um

3.2.1. Entrevistas Semiestruturadas

Neste item serão apresentadas as entrevistas realizadas entre os dias 24 de junho e 03 de julho com três atores chave para o estudo, sendo dois representantes

de comunidades de Regiões Administrativas do Distrito Federal e um representante do principal órgão gestor do Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha.

3.2.1.1. Entrevista A - Diretor de Operações do Estádio Mané Garrincha

Em entrevista realizada no Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha, o Diretor de Operações do Estádio, referenciado neste trabalho como Entrevistado “A”, falou de tópicos importantes relacionados ao Estádio, dentre eles:

- Uso atual
- Legado
- Privatização
- Visitação
- Contribuições socioeconômicas do Estádio para a população
- Perfil de usuário
- Redução de gastos com manutenção

Em relação ao uso atual do estádio, o diretor confirmou o caráter multiuso do mesmo, no qual além de receber os eventos de Copa do Mundo, Copa das Confederações e outros jogos de futebol, a organização realiza locações para eventos, festas, palestras, seminários, solenidades, celebrações e, futuramente, casamentos e outras atividades particulares, podendo ser alugado todo o estádio como também partes dele. Nas Olimpíadas 2016 o Estádio também será utilizado, para a realização de, cerca de, 12 jogos em Brasília.

No cotidiano do Estádio nós temos locações para eventos: festas, palestras, seminários, solenidades, celebrações. E agora estamos fazendo uma minuta que irá expandir isso como casamentos e outras atividades particulares. Pode alugar parte do Estádio ou todo, temos espaços em oito níveis, dentro desses oito níveis temos segregações, desde salas comuns até áreas para dez mil pessoas, ou o Estádio inteiro. (ENTREVISTADO “A”, transcrito pelo autor)

Em relação ao legado do Estádio, o Entrevistado “A” afirma que a estrutura é referência no esporte, e que um dos principais planos de utilização é a captação de jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol.

Outro tópico de discussão foi a da possibilidade de uma parceria com um ente privado, através de concessão ou terceirização. No momento, a administração é totalmente pública, mas o entrevistado afirma que existe uma boa possibilidade de uma parceria com um ente privado.

O que mais se discute hoje é a questão da parceria com um ente privado, mediante uma concessão ou terceirização. Hoje a administração do estádio ainda é completamente pública, mas tem se discutido o fato. Originalmente ele foi construído para se oferecer para um terceiro. Existe a chance de isso acontecer, e já tivemos até grupos interessados. (ENTREVISTADO “A”, transcrito pelo autor)

Dentro das 400 salas existentes no estádio, além dos espaços multiusos e restaurantes, existem espaços para acomodar novos atrativos, como um museu por exemplo. No momento existe apenas uma espécie de memorial de trajetória do próprio Estádio, mas há espaço para algo além disso.

O Estádio está aberto das 09h às 12h para visitação livre (inclusive vestiários), e durante a semana o Estádio recebe grupos fechados agendados previamente. Apesar de reconhecer que outros estádios cobram por esse serviço, o Entrevistado “A” confirmou que ambos os tipos de visita o são realizados de maneira gratuita.

O Entrevistado “A” afirmou que o Estádio foi reconstruído com o intuito de ser mais um dos atrativos turísticos arquitet nicos da região de central de Brasília, por isso era necessário um Estádio de grande magnitude, como o que foi construído. Para ele, o estádio já cumpre um papel turístico e quem passa por l  se deslumbra com seu visual e tem interesse em visita-lo.

Quanto a contribui o do Estádio para a sociedade, em especial àquelas de baixa renda, a Secretaria de Turismo do Distrito Federal – SETUR, organiza a visita o no estádio por escolas públicas, para incentivar a prática do esporte. Também, o estádio está pronto para receber outras atividades sociais, mas, segundo o entrevistado, não cabe à administra o do estádio fomenta-las, e sim ao governo.

Entendeu-se, por meio da entrevista, que as atribui es da SETUR e da administra o do estádio estão vinculadas ao interesse do Governo do Distrito Federal – GDF e, apesar da gestão do estádio poder sugerir atividades, é o GDF que deve tomar iniciativa nessas a es.

O que nós fazemos hoje é obedecer a política e o plano estratégico da Secretaria de Turismo. Hoje a Secretaria de Turismo trabalha com a visitação de escolas, o que acaba gerando um atrativo as comunidades de baixa renda, estimulando o esporte. Além disso podemos oferecer outros espaços para executar atividades de trabalhos sociais. O Estádio é pronto para recebe-las, mas é bom lembrar que isso não cabe à Administração do Estádio, mas ao Plano Estratégico do Governo. Podemos sugerir essas atividades, mas não podemos determinar se elas ocorrerão ou não. (ENTREVISTADO “A”, transcrito pelo autor)

Em relação ao perfil do usuário do estádio, o Entrevistado “A” garante que a estrutura disponível é capaz de suportar todo e qualquer tipo de público, mas quem define essa questão, segundo ele, é a empresa organizadora do evento antes de contratar o espaço do Estádio. E quando a administração direta é a responsável por organizar o evento, muitas vezes os eventos são gratuitos.

Quanto a geração de empregos, o diretor afirma que a mão de obra foi gerenciada por uma empresa terceirizada, e que depois da obra apenas os empregos de manutenção foram mantidos.

Para a redução dos custos do Estádio, o mesmo funciona com um sistema de automação, que possibilita sua utilização com o mínimo de recursos possíveis. A captação de água é feita por uma membrana de contenção, que capta água da chuva para a irrigação do gramado e para os sanitários. Além disso, depois de tratada, pode ser utilizada para consumo. A utilização da energia no estádio também é feita por meios de geração no próprio estádio, graças à tecnologia existente em seus painéis solares, que geram energia para o funcionamento do estádio, e que estão preparados para fornecer energia para a Companhia de Energia de Brasília – CEB. Geradores a diesel também podem funcionar em momentos específicos para reduzir os gastos em energia elétrica.

3.2.1.2. Entrevista B – Representante da Associação Comunitária de Moradores de Ceilândia – DF

Em entrevista realizada em Ceilândia, o Presidente da Associação Comunitária de Moradores de Ceilândia-DF, referenciado neste trabalho como Entrevistado “B”, falou de tópicos importantes relacionados ao Estádio, dentre eles:

- Uso atual
- Uso pela comunidade
- Custo do Estádio
- Geração de empregos
- Perfil de usuário
- Privatização

Em relação ao uso atual do estádio, o Entrevistado “B” não poupou críticas aos gestores do Estádio, alegando que o espaço é elitizado, e que é explorado como uma empresa particular cobrando altos valores aos próprios moradores que ajudaram a construí-lo, com os impostos arrecadados.

O Estádio Nacional foi feito para a elite, não foi feito para os moradores de Ceilândia e nem para o resto do Distrito Federal. Nós da Ceilândia não temos acesso livre ao Estádio, pois atualmente funciona como uma empresa com fins de arrecadação, e só pagando caro para ter acesso e poder organizar algum evento.
(ENTREVISTADO “B”, transcrito pelo autor)

Em relação ao uso pela comunidade, o entrevistado relatou a dificuldade de acesso como um dos obstáculos, e o alto valor cobrado. Também ressaltou que há uma burocracia que cria barreiras para a organização de visitas em grupo.

A visitação é a coisa mais difícil. As escolas tentam marcar e eles ficam empurrando, passando de uma pessoa para a outra. É só observar, veja se algum grupo que não seja da elite, entra no Estádio durante a semana.
(ENTREVISTADO “B”, transcrito pelo autor)

O entrevistado contestou o alto investimento feito no Estádio que, segundo ele, poderia ter sido melhor investido em segurança e saúde. Ressaltou, também, que prevê a necessidade de, futuramente, serem realizadas novas reformas em razão do descuido dos gestores na manutenção do Estádio.

O maior erro do governo passado foi ter utilizado nosso dinheiro para investir no Estádio. Gostamos sim de futebol e Copa do Mundo, mas não precisava gastar tanto. (ENTREVISTADO “B”, transcrito pelo autor)

Em relação ao tópico de geração de emprego, o entrevistado afirmou que conhece pessoas que trabalharam no Estádio durante sua reforma, porém, de acordo com ele, a maioria da mão de obra da construção foi trazida de fora de Brasília, impedindo maior geração de empregos para as comunidades do entorno.

Em relação ao perfil do usuário, o entrevistado frisou diversas vezes que o Estádio visa atender somente a elite. Para ele o Estádio não é um espaço de lazer para o Distrito Federal, e somente busca atender o interesse de arrecadação com a realização de grandes eventos a taxas altas.

O entrevistado se disse a favor de uma empresa privada administrar o Estádio, em decorrência da contradição da população pagar para construir o estádio, pagar para mantê-lo e ainda pagar grandes valores para frequentá-lo, ou para organizar um evento em seu espaço. Para o Entrevistado “B” é mais fácil uma empresa privada manter o estádio sem o uso do dinheiro público, e assim, a população de maior poder aquisitivo poderia pagar o serviço oferecido e organizado de maneira privada. Também, a manutenção do Estádio poderia, segundo ele, ser feita de uma forma mais adequada do que a realizada pela administração pública.

Quando é uma empresa privada você tem que pagar bem porque é ela que faz a manutenção do lugar, mas são nossos impostos é que estão sendo gastos lá. O Mané Garrincha é público, e por que cobra taxas estrondosas para seu uso? O espaço não é público? Sou contra essa forma de administrar, deveriam privatizar o Estádio para nós pararmos de pagar para mantê-lo e utiliza-lo. (ENTREVISTADO “B”, transcrito pelo autor)

3.2.1.3. Entrevista C – Liderança Comunitária do Varjão – Coordenadora Geral do Centro Social Comunitário Tia Angelina

Em entrevista realizada no Varjão, a líder comunitária e Coordenadora Geral do Centro Social Comunitário Tia Angelina, referenciada como Entrevistada “C”, contribuiu para a discussão do tema trabalhado expondo o ponto de vista dos moradores do Varjão, Região Administrativa que faz divisa com Lago Norte e Plano Piloto, mas com uma população que possui uma das piores rendas domiciliar média do Distrito Federal. Os tópicos abordados que dizem respeito ao Estádio foram, dentre outros:

- Uso pela comunidade
- Dificuldades de acesso
- Relação gestão e comunidade
- Geração de empregos
- Perfil de usuário

Segundo a Entrevistada “C”, apesar da proximidade com o Plano Piloto, o uso do Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha por parte dos moradores do Varjão não ocorre. De acordo com a entrevistada, nenhum morador comenta a respeito do Estádio. No máximo fazem críticas aos gastos em sua reforma.

O uso é zero. Eu moro aqui há mais de 40 anos e não vejo ninguém comentar que vai no estádio ou que tenha alguma atividade no Estádio. Só vejo reclamações de tudo o que gastaram lá. (ENTREVISTADO “C”, transcrito pelo autor)

Para a Entrevistada “C”, a comunidade do Varjão pode até buscar formas de utilizar o Estádio, mas falta uma maior comunicação por parte da gestão pública. Segundo ela, não há no Varjão divulgação dos dias de visitação e dos eventos que lá ocorrem, e isso dificulta o interesse dos próprios moradores para a utilização do Estádio. Historicamente, de acordo com a entrevistada, sempre houve uma barreira financeira que impede uma relação de apropriação dos moradores do Varjão para utilizarem o Estádio, o que não ocorre com outros atrativos turísticos da cidade, como a Torre de TV e o Parque da Cidade.

A Entrevistada ainda chama atenção para a proximidade do Varjão com o Estádio e que, apesar disso, não surge uma relação de apropriação por parte dos moradores. Há um potencial para que essa relação aconteça, segundo ela, mas falta alguém da gestão com “senso comunitário” para fazer essa ligação entre comunidade e o Estádio.

A visitação de escolas e outros grupos do Varjão ao Estádio ainda não aconteceu, mas a entrevistada admite que também não houve interesse por parte dos representantes de moradores. Não foi feito nenhum contato com a administração, mas no decorrer da entrevista, a entrevistada revelou que seria interessante agendar uma

visita com grupos de crianças do Varjão para conhecer o Estádio, inclusive destacando que em breve a mesma irá procurar a administração do Estádio para tal.

Para a Entrevistada a relação entre administração do Estádio e comunidade não existe. Não há incentivo por parte da gestão pública para que as comunidades de outras RAs utilizem o Estádio. Além disso, a entrevistada sugeriu uma maior transparência para mostrar quais grupos visitam o Estádio, e de que maneira isso ocorre, para que de fato se tenha noção das contribuições do Mané Garrincha às comunidades de baixa renda.

Nós da periferia temos pouco acesso a isso, não há comunicação com a comunidade, eles não divulgam. Tem tantas entidades, projetos e públicos que poderiam estar fazendo atividades no Estádio, mas não é divulgado como procurar, quem procurar e o que é oferecido. (ENTREVISTADO "C", transcrito pelo autor)

Em relação ao tema geração de empregos, a entrevistada relatou que havia uma expectativa com a reforma para a Copa do Mundo, mas que não conhece ninguém do Varjão que trabalhou ou trabalha no Estádio.

Em relação ao perfil do usuário do Estádio, a representante do Varjão deixou claro que há um público específico para o Estádio, definido pelos altos valores cobrados pelos eventos realizados em seu espaço, e que isso poderia mudar se existisse eventos menos elitizados.

Tenho uma sugestão (aos administradores do Estádio): divulguem, façam essa ponte entre periferia e Estádio e ofereçam atividades que a gente possa participar, não tão elitizadas. (ENTREVISTADO "C", transcrito pelo autor)

3.2.2. Dados Apresentados Pela Mídia

Para complementar as entrevistas, apresenta-se, no presente tópico, o ponto de vista da grande mídia, que expõe os acontecimentos e notícias à população. Por isso foi feita uma segunda pesquisa documental com os tópicos abordados nas entrevistas para analisar o que a mídia apresentou a respeito do Estádio.

Em relação ao uso atual do estádio, uma reportagem do Jornal Nacional (Globo), apresentada no dia 21 de maio de 2015, destacou o uso do Estádio para

abrigar secretarias do GDF. Três secretarias foram deslocadas para salas dentro do Estádio Nacional, economizando R\$ 15 milhões que seriam gasto com aluguéis em outros lugares.

A tática do governo do Distrito Federal é jogar na defensiva. Proteger o orçamento, porque ainda não zerou as contas do ano passado. Ele deve R\$ 1,5 bilhão para fornecedores. As secretarias vieram para o Estádio Mané Garrincha para fazer economia. (GLOBO, 2015)

Fazendo uma relação do custo do estádio e de sua manutenção, uma reportagem da Rede Globo do dia 24 de maio de 2015 relata a crítica de um treinador de futebol sobre a situação do gramado. Para o técnico de futebol Rene Simões a manutenção do gramado não é adequada e a situação dos vestiários já é ruim, e lamenta que os impostos investidos já estão sendo desperdiçados por uma má manutenção.

O gramado está muito ruim, especialmente para uma arena tão cara como essa. Um estádio tão novo com um gramado horroroso. A dificuldade para tocar a bola foi muito grande. Lamento que um estádio tão novo e tão caro esteja em condições como essa... O piso do vestiário está soltando. É lamentável. Eu lamento profundamente como contribuinte. (RENE SIMÕES, em entrevista dada para a GLOBO, 2015)

Em relação ao tema privatização, já abordado nas outras entrevistas, a mídia já relatou essa possibilidade um mês após a Copa do Mundo. Segundo reportagem feita pela Folha em 14 de julho de 2014, o Secretário da Copa no DF, Cláudio Monteiro, confirmou que a discussão sobre privatizar o Estádio começou durante sua reforma, e que alguns interessados já se manifestaram.

Uma outra reportagem que merece destaque é a apresentada pelo Jornal de Brasília, em 12 de junho de 2015, que discute o legado do Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha. A reportagem faz severas críticas ao aumento do valor do estádio e ao custo de manutenção que segundo a reportagem é de R\$ 600 mil mensais.

A reportagem também relata que elevadores e escadas não funcionam, e ainda cita as críticas que o gramado recebeu por técnicos e jogadores. Em relação a arrecadação, a reportagem informa que desde sua reinauguração, o Estádio arrecadou R\$ 6,5 milhões para os cofres públicos, sendo que as empresas que organizam eventos no Estádio lucram mais que esse valor em apenas um evento.

Por último, a mesma reportagem ainda ressalta que em termos do uso pela comunidade em jogos de futebol, dos 22 jogos realizados no Estádio, apenas 03 jogos foram de times do Distrito Federal. Segundo a reportagem, o número de jogos total é pouco e a média de público ruim: 12.524 torcedores por partida. Para o jornal, o número reduzido de jogos apresentados no Estádio está relacionado ao alto custo cobrado pelo Estádio para empresas organizarem seus eventos.

3.3. A busca de um Estádio para todos

Desde o início do estudo ficou clara a diferença socioeconômica entre as Regiões Administrativas do Distrito Federal. Os moradores do Plano Piloto e das RAs do Lago Sul, Lago Norte, Águas Claras, Park Way, Sudoeste/Octogonal e Jardim Botânico apresentaram melhores índices em todos os aspectos socioeconômicos analisados nas pesquisas da CODEPLAN – DF.

As entrevistas obtidas com representantes das RAs de Ceilândia e Varjão reforçaram essa relação de desigualdade existente no Distrito Federal. E essa desigualdade também pode ser sentida na ocupação dos espaços de lazer, e mais especificamente no Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha.

O alto valor gasto com a reforma do Estádio foi fruto dos impostos de todos os moradores do Distrito Federal, o que pressupõe que toda a população tivesse igualdade no acesso ao seu uso. Mas o que se percebe é uma relação contrária. Atualmente uma minoria tem sido privilegiada, por conseguir transpor a barreira econômica imposta aos moradores de menor poder aquisitivo, e assim tendo acesso ao uso do Estádio nos mais diversos tipos de evento.

Como foi comprovado pela entrevista com o representante do órgão gestor do estádio, o espaço tem capacidade para receber todo tipo de evento, e até já recebeu eventos gratuitos. Mas existe um distanciamento notório entre a gestão do estádio e as comunidades de baixa renda do DF. Uma relação fria entre ambos os lados, que dificulta a criação de eventos de caráter mais inclusivos e comunitários, e nem mesmo fomentando a divulgação de outros eventos para regiões menos favorecidas. Percebe-se que não há nenhum ator para formar esse laço entre Estádio e as

comunidades de baixa renda, da mesma maneira que ocorre quando as empresas organizadoras de eventos organizam um evento para um perfil de alta renda.

Por isso o que se pode reconhecer no Estádio, de forma frequente, é um público de alto poder aquisitivo. A administração do espaço entende que a infraestrutura pode receber todo tipo de público, enquanto os representantes da comunidade entendem que o Estádio é para um público específico. É importante destacar que durante as entrevistas com representantes comunitários, foi ressaltada a necessidade de iniciativas do Governo do Distrito Federal para implementar atividades para todos no Estádio e, mais do que isso, divulgá-las para todos. De nada adianta criar um evento para um público específico se o próprio público não recebe a sua divulgação.

Percebe-se, ainda, que a administração do Estádio vive um dilema. É bombardeada por críticas da mídia que querem rotular o Mané Garrincha como um “Elefante Branco”, de gastos excessivos. Por isso tem que justificar seus gastos negociando mandos de jogos e organizações de eventos a altos valores. E por causa desses altos valores cobrados para as empresas organizadoras de eventos, a maioria dos eventos organizados são os de grande porte com potencial de arrecadação.

Uma grande parte dos moradores das RAs mais pobres fica excluída dos grandes eventos, mas o próprio GDF poderia ser mais flexível e facilitar a organização de eventos por parte de grupos de moradores, sem cobrar os altos valores que são cobrados para as empresas que organizam eventos. A relação é desigual, como visto nas reportagens trabalhadas. As empresas que organizam eventos conseguem uma boa margem de lucro, apesar do valor cobrado pela gestão do Estádio, enquanto os grupos de moradores não conseguem organizar um evento no estádio por essa barreira econômica.

O que ocorre é justamente a exclusão social abordada por Sachs (2008), a não participação de todos no processo de desenvolvimento que acarretaria numa melhoria de qualidade de vida. O que vemos é uma camada da sociedade do Distrito Federal, já privilegiada, participando de eventos e se apropriando de um novo espaço, enquanto as comunidades de baixa renda não são envolvidas nesse processo.

Outra possibilidade de contribuição do Estádio seria por meio da geração de empregos. Com o evento da Copa do Mundo houve um processo de criação de

expectativas com as possibilidades de novos empregos e o desenvolvimento da cidade. Apesar de durante as entrevistas nenhum dos entrevistados ter mencionado que conhecesse alguém da comunidade empregado, cerca de 15 mil pessoas trabalharam durante a reforma, o que gerou uma contribuição, ainda que temporária, para o Distrito Federal. Mas não foi possível constatar qual a porcentagem dessa mão de obra empregada vive no DF, e qual veio de fora da cidade, pois o serviço foi terceirizado e não coube ao GDF tais contratações.

Em termos de sustentabilidade é importante destacar dois aspectos já trabalhados no estudo: a sustentabilidade social e a sustentabilidade ecológica. Os gestores do estádio parecem estar atentos em termos de sustentabilidade ecológica, pois o espaço possui diversas características que acarretam no uso racional dos recursos através do reaproveitamento da água e do sistema de geração e economia de energia.

Entretanto a sustentabilidade social parece não ter sido contemplada até agora. No Distrito Federal de forma geral não há uma sustentabilidade social que permita uma qualidade de vida igual para todos, nem igualdade de acesso a todos os recursos e serviços sociais. E isso, invariavelmente, também afeta o Estádio Nacional, com o surgimento da necessidade de uma melhora no acesso.

O que de fato existe, e que permite o acesso de todos ao Estádio, é o agendamento gratuito de visitas. Grupos escolares de RAs (como a de Planaltina) já visitaram o Estádio e começam a tentar criar essa ligação entre morador e Estádio. Porém o que se pode perceber nas entrevistas trabalhadas é que existe alguma burocracia para agendar esses eventos e também o desconhecimento de tal atividade. A gestão do estádio, nesse sentido, precisaria divulgar e até mesmo ter a iniciativa para receber grupos de todo o Distrito Federal, buscando demonstrar para a sociedade em geral, e para a mídia, que os benefícios sociais existem.

O valor da obra foi abordado em todas as entrevistas, além de ter sido tema de inúmeras reportagens da mídia em geral. A gestão anterior do estádio dizia que o espaço precisaria estar à altura de Brasília, e o gestor entrevistado também justificou a magnitude da obra, fazendo referência aos outros monumentos de Brasília.

O que se percebe é uma insatisfação por parte dos moradores e da mídia em relação ao valor investido. Brasília não possui um time de futebol consolidado no cenário nacional, e os gestores atuais pretendem torna-lo referência com a realização de jogos de equipes de outras cidades. A realização de outros eventos podem ajudar em uma melhor utilização do Estádio, mas ainda é necessário contemplar todos os perfis de moradores de Brasília.

De qualquer forma, utilizado por todo o DF, ou por uma parte dele, as expectativas de se justificar o alto investimento não existem. O que se fala hoje é de uma parceria com um ente privado para administrar o estádio. A venda do estádio por meio de uma privatização, hoje, não é bem vista pelo Governador atual, e nem seria bem visto gastar tanto dinheiro público para depois vender o estádio sem explorar todas as possibilidades de uso do mesmo.

O representante de Ceilândia, por sua vez, foi mais radical ao propor uma privatização imediata para se justificar os altos valores cobrados para organizar um evento. Um espaço público com um custo nada simbólico de uso não parece tão público assim, por isso uma administração totalmente privada, segundo ele, seria mais coerente para se explorar o Estádio economicamente, e não tendo obrigações sociais com as comunidades de baixa renda do DF.

A gestão atual procura reduzir os gastos, alocando pessoal de secretarias para funcionar no Estádio, e adotando medidas de economia. Mas é preciso estar atento à manutenção do Estádio, dado que as críticas recentes relacionadas ao gramado e aos vestiários podem atrapalhar as pretensões da gestão de consolidar o Estádio no cenário nacional de futebol.

Tornar o Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha um vetor de desenvolvimento local para o turismo de Brasília ainda parece ser algo distante. O Estádio está bem localizado em um ponto importante da cidade, e sua beleza arquitetônica chama a atenção de quem passa pelo Eixo Monumental. Mas ainda não há uma relação de identificação com os moradores do Distrito Federal, principalmente para as comunidades de baixa renda. Para um turismo ideal é necessário, primeiro, que a população local seja beneficiada com o Estádio para então ocorrer a exploração turística do atrativo sem problemas.

Para que isso ocorra, a gestão do Estádio não precisaria parar de explorar a locação do espaço para a realização de grandes eventos. Por enquanto não há identificação do público brasileiro em geral com o Estádio. Receber os jogos da Seleção Nacional de Futebol, como ocorre no Stade de France, ajudaria nesta questão, mas a CBF está, aparentemente, preocupada em viabilizar jogos fora do país do que criar um elo com o torcedor local.

A Red Bull Arena, abordada anteriormente, também enfrentou uma trajetória incerta até ser comprada por um patrocinador que alavancou o estádio e um clube de futebol para as divisões de elite da Alemanha. Por ora, essa possibilidade ainda parece ser remota para o Mané Garrincha. Mas caso os custos de manutenção estiverem atrapalhando a gestão, além do Estádio não estar contribuindo para o desenvolvimento local, uma solução para melhor aproveitamento do espaço poderia ser, segundo opiniões levantadas, a privatização ou até outro tipo de parceria público-privada como uma concessão.

A iniciativa do GDF é essencial para beneficiar a população do Distrito Federal, pois a administração segue os planos de gestão elaborados pelo Governo. Organizar eventos de caráter mais inclusivos, com fins sociais para ajudar a contribuir para a formação de crianças das Regiões Administrativas de menor renda parece se configurarem em alternativas viáveis. E mesmo negociar a organização de eventos que valorizem a cultura de Brasília e as identidades das comunidades de entorno, como por exemplo alguma exposição ou festival local que futuramente possam ser explorados turisticamente.

Com esse tipo de ação, a gestão do Estádio poderia, talvez, melhorar a imagem do Mané Garrincha e ainda contribuir para a sociedade no qual está inserida. O lazer no Estádio não seria limitado a um público específico e todos os moradores do Distrito Federal poderiam ser estimulados ao fortalecimento da noção de pertencimento à localidade e à dinâmica turística, como ocorre com outros espaços como a Torre de TV e outros pontos turístico de Brasília.

O Estádio possui potencial e todas as condições para que isso seja possível. Um foco maior nas políticas socioeconômicas e de incentivo incluído ao lazer podem alternativas para que o Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha não seja o temido “elefante branco” que muitas pessoas previram no início de sua reforma.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises feitas para a realização deste trabalho contribuem para caracterizar a relação do Estádio Nacional Mané Garrincha com a população de Brasília. Mesmo que o recorte tenha sido feito para analisar as Regiões Administrativas mais pobres, foi possível entender que os moradores de RAs com melhores condições tem uma relação proeminente de uso do Estádio, enquanto que a população de baixa renda do DF não tem relação alguma.

De fato não se pode afirmar que o Estádio está contribuindo satisfatoriamente com os aspectos socioeconômicos para o desenvolvimento de Brasília. Há uma pequena participação com as visitas que ocorrem no Estádio, porém ainda incipientes diante da potencialidade identificada. É notada a necessidade de mais atividades que permitam (economicamente) o acesso pela comunidade de baixo poder aquisitivo, assim como a divulgação efetiva para que todos os públicos frequentem o Mané Garrincha.

O legado deve ir muito além do simples aproveitamento do Estádio para justificar o grande valor investido. Jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol e os Jogos Olímpicos de 2016 atendem uma demanda específica, mas excluí uma parcela da população que não tem condições para pagar pelos eventos. Percebe-se que o público do Estádio é elitizado, e a sustentabilidade social e econômica não é observada em Brasília como um todo.

Para explorar o Estádio como um atrativo turístico é preciso considera-lo como parte de um sistema maior. É aí que a visão sistêmica é fundamental para analisar todo o tipo de relação gerada pelo Estádio, que vai além de um simples vislumbre ao passar pelo Eixo Monumental.

No entanto é possível vislumbrar um melhor aproveitamento do Estádio como um todo. Uma construção tão grandiosa não pode ser subaproveitada e abandonada, como outros estádios apresentados no trabalho. Também não se pode pular etapas, querer usar um atrativo turístico como um vetor de desenvolvimento, sem que antes exista uma mínima relação das pessoas locais com seu espaço.

A passos lentos pode ser que a relação comece a surgir por meio de melhores políticas públicas, e quem sabe, no futuro, o Estádio possa se configurar num dos principais pontos de identificação de Brasília com seu morador.

Para trabalhos posteriores, outras Regiões Administrativas do Distrito Federal podem ser abordadas para enriquecer o recorte analisado, considerando não somente os moradores de baixa renda do DF, como também aqueles de renda alta que residem no Lago Sul e Lago Norte por exemplo.

Além disso, se pode fazer uma análise semelhante com os outros estádios construídos em Manaus e Cuiabá (Arena Amazônia e Arena Pantanal), para revelar os impactos socioeconômicos que cada estádio causou.

Para acompanhar a identificação dos moradores do DF com o Estádio, um estudo relacionado aos pontos de lazer de Brasília pode ser feito para se ter uma melhor noção da relevância do estádio para os moradores da cidade.

Enfim, a discussão sobre o objeto de estudo não se encerra aqui, mas foi possível analisar a reforma do Estádio e suas contribuições socioeconômicas para o desenvolvimento local e turístico de Brasília – DF através de todo o trabalho realizado durante as pesquisas documentais e bibliográficas, e principalmente pelas análises das entrevistas dos atores chaves relacionados ao Estádio.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHOLO, R. DELAMARO, M. BADIN, L (Org) IRVING, M. **Turismo e Sustentabilidade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora Senac, 1998.

BRASIL (2007-a). Ministério do Turismo (MTur). **Conteúdo Fundamental: Turismo e Sustentabilidade**. Brasília, 2007.

BRASIL (2009-b). Governo do Distrito Federal. **Anexo B Estádio/Arena**. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/matriz-de-responsabilidades/df/anexo.pdf>>

BRASIL (2014-c). Tribunal de Contas do Distrito Federal. **Dados atualizados do acompanhamento da obra do ENB (contratação e execução)**. Disponível em: <http://www.tc.df.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=f5882215-f785-422a-b78c-2996a18d42c8&groupId=429614>.

BRASIL. (2014-d). **Manual para o desenvolvimento e a integração de atividades turísticas: Produção associada ao turismo**. Brasília: Ministério do Turismo, 2011.

BUARQUE, S. C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008

CASTRO MELLO ARQUITETOS. **Estádio Nacional de Brasília “Mané Garrincha” / Castro Mello Arquitetos + gmp Architekten + schlaich bergmann und partner** 12 Jul 2014. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/623873/estadio-nacional-de-brasilia-manegarrincha-castro-mello-arquitetos>> Acesso em: 4 Jun 2015

CODEPLAN. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD/DF)**. Distrito Federal: GDF, 2013.

COOPER, C. et al. **Turismo: princípios e práticas**. São Paulo: Bookman, 2003.

COSTA, H. A. **Destinos do Turismo: Percursos para a sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998

DIAS, R. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

GDF. (2014-a) **Histórias do Mané**. Disponível em: <<http://www.copa2014.df.gov.br/noticias/6148-historias-do-mane>> Acesso em 1 maio 2015

GDF. (2014-b) **Copa 2014**. Disponível em: <<http://www.copa2014.df.gov.br/mane-garrincha/4970-estadio-nacional-de-brasilia-mane-garrincha>> Acesso em: 1 maio 2015.

IBGE. **Notas Metodológicas**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme/pme-met2.shtm> > Acesso em 28 junho 2015

IRVING, M. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Trad., Contexto Traduções. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2003.

LANCENET. **Maquete derruba versão do DF sobre estádio de Brasília**. Disponível em: <<http://blogs.lancenet.com.br/deprima/2012/10/15/maquete-prova-que-estadio-de-brasilia-era-verde-e-amarelo/>> Acesso em: 7 maio 15.

LEIPER, N. **Towards a definition of tourism, tourist, and the tourist industry**. *Annals of Tourism Research*, vol.6, no.4, 1974a, pp.390-407.

LEIPER, N. **Tourism management**. Australia- NSW: Pearson SprintPrint, 2003b.

MOESCH, M. M. **Epistemologia social do turismo**. Tese (doutorado). Escola de Comunicação e Artes/ Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

OLIVEIRA, G. B; LIMA, J. E. S. **Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento**. *Revista FAE*, Curitiba, v.6, n.2, maio/dez. 2003

PANOSSO NETTO, A. **Fenomenologia do turismo: uma proposta de construção epistemológica**. Tese(doutorado). Escola de Comunicação e Artes / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

PROVINCIALI, V. L. N. **Cadeia produtiva do turismo: concepção**. Aracaju, SE: 2002. Mimeografado.

RUSCHMANN, D. **Turismo e Planejamento Sustentável, a Produção do Meio Ambiente**. Santo André: Papirus. 2000

SACHS, I. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SEMARH - Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. **Mapa das Regiões Administrativas do Distrito Federal**. Disponível em: <<http://www.semarh.df.gov.br/qualiar/mapa.html>> Acesso em: 28 junho 2015

STADE DE FRANCE. Disponível em: <www.stadefrance.com/> Acesso em: 3 junho 2015

STADIUM DB (2015-a). Disponível em: <<http://stadiumdb.com/stadiums/kor>> Acesso em 4 junho de 2015.

STADIUM DB (2015-b). Disponível em: <<http://stadiumdb.com/stadiums/jpn>> Acesso em 5 junho de 2015.

STADIUM DB (2015-c). Disponível em: <<http://stadiumdb.com/stadiums/ger>> Acesso em 5 junho de 2015.

STADIUM DB (2015-d). Disponível em: <<http://stadiumdb.com/stadiums/rsa>> Acesso em 6 junho de 2015.

STEAR, L. Definitions I use in tourism studies (aka Tourology). In: STEAR, L. **Tourism and the industry I subject guide & seminar workbook**. Sydney: School of Leisure Sport and Tourism, University of Technology, 2003a.

STEAR, L. **Studying highly industrialized tourism systems**. Sydney: School of Leisure Sport and Tourism, University of Technology, 2003b.

TASSO, J. P. F. **À procura da inclusividade: estudo sobre os fatores de inclusão socioeconômica em destinos turísticos brasileiros**. Tese (doutorado). Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

TOMAR, M. S.: **A Entrevista semi-estruturada**. Mestrado em Supervisão Pedagógica” (Edição 2007/2009) da Universidade Aberta.

TRIVELA. **A Copa de 2010 adornou os safáris da África do Sul com um belo elefante branco**. Disponível em: <<http://m.trivela.uol.com.br/copa-de-2010-adornou->

regiao-dos-safaris-na-africa-sul-com-um-belo-elefante-branco/> Acesso em: 4 junho 2015

TRIVELA. **Estádio “mais bonito do mundo” ficou quatro anos sem uso e ainda dá prejuízo.** Disponível em: <m.trivela.uol.com.br/elefante-branco-copa-coreia/> Acesso em: 4 junho 2015

TRIVELA. **Tiveram que criar um time para sustentar o estádio da Copa, e isso na organizada Alemanha** Disponível em: < http://trivela.uol.com.br/elefante-branco-alemanha-oriental-copa-2006/> Acesso em: 4 junho 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: ROTEIRO DE ENTREVISTA (A)

ROTEIRO DE ENTREVISTA (A): O ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA MANÉ GARRINCHA E SUAS CONTRIBUIÇÕES SOCIOECONÔMICAS PARA BRASÍLIA DF

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

1	NOME	
2	GÊNERO	MASCULINO () FEMININO ()
2	PROFISSÃO/CARGO/FUNÇÃO	
3	IDADE	
4	ESCOLARIDADE	
5	INSTITUIÇÃO	
6	TEMPO NA INSTITUIÇÃO	
7	CONTATO	

ENTREVISTA

1	QUAIS AS PRINCIPAIS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS UTILIZANDO-SE A ESTRUTURA DO ESTÁDIO?	
2	QUAIS SÃO OS PLANOS FUTUROS PARA A UTILIZAÇÃO DO ESTÁDIO NACIONAL PÓS-COPA?	
3	NA SUA OPINIÃO, QUAIS FORAM AS EXPECTATIVAS GERADAS COM A REFORMA DO ESTÁDIO PARA A REALIZAÇÃO DA COPA DO MUNDO? ELAS FORAM ATENDIDAS?	
4	EXISTE ALGUMA POSSIBILIDADE DO ESTÁDIO SER PRIVATIZADO? COMO SE ENCONTRA ESSA QUESTÃO?	
5	SABENDO DO GRANDE INVESTIMENTO PÚBLICO PARA A REFORMA DO ESTÁDIO, COMO ESSA ESTRUTURA PODERÁ GERAR BENEFÍCIOS PARA AS COMUNIDADES DO ENTORNO, EM ESPECIAL AQUELAS DE BAIXA RENDA?	
6	QUANTAS PESSOAS FORAM EMPREGADAS DURANTE A CONSTRUÇÃO DO ESTÁDIO? QUANTOS AINDA ESTÃO EMPREGADOS? QUAIS FUNÇÕES FORAM MANTIDAS?	
7	O ESTÁDIO VISA ATENDER A DEMANDA DE TODA A POPULAÇÃO DO DF OU HÁ UM PÚBLICO ESPECÍFICO?	
8	QUAL O PERFIL (SOCIOECONÔMICO) DOS FREQUENTADORES DO ESTÁDIO?	
9	COMO TEM SIDO REDUZIDOS OS ELEVADOS CUSTOS PARA A MANUTENÇÃO DO ESTÁDIO?	

APÊNDICE 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA (B)

ROTEIRO DE ENTREVISTA (B): O ESTÁDIO NACIONAL DE BRASÍLIA MANÉ GARRINCHA E SUAS CONTRIBUIÇÕES SOCIOECONÔMICAS PARA BRASÍLIA DF

IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

1	NOME	
2	GÊNERO	MASCULINO () FEMININO ()
2	PROFISSÃO/CARGO/FUNÇÃO	
3	IDADE	
4	ESCOLARIDADE	
5	INSTITUIÇÃO	
6	TEMPO NA INSTITUIÇÃO	
7	CONTATO	

ENTREVISTA

1	ATUALMENTE, A COMUNIDADE FREQUENTA AS INSTALAÇÕES DO ESTÁDIO MANÉ GARRINCHA? QUE TIPO DE EVENTOS SÃO MAIS COMUNS PARA PARTICIPAÇÃO?	
2	CONHECE ALGUÉM QUE TRABALHOU OU TRABALHA ATUALMENTE NO ESTÁDIO?	
3	ACHA VIÁVEL PARA UMA PESSOA DO ENTORNO DO DF FREQUENTAR O ESTÁDIO?	
4	QUAL A SUA OPINIÃO A RESPEITO DE COMO O ESTÁDIO VEM SENDO UTILIZADO?	
5	QUAIS SÃO AS MAIORES DIFICULDADES PARA ALGUÉM DO ENTORNO UTILIZAR O ESTÁDIO?	
6	QUAIS ERAM AS SUAS EXPECTATIVAS QUANTO A EMPREGO E LAZER COM A REFORMA DO ESTÁDIO? ELAS FORAM ATENDIDAS?	
7	O SENHOR ACHA QUE O ESTÁDIO VISA ATENDER TODA A POPULAÇÃO DO DF OU HÁ UM PÚBLICO ESPECÍFICO?	
8	O SENHOR ENXERGA O ESTÁDIO COMO UM ESPAÇO DE LAZER PARA SUA COMUNIDADE?	
9	O SENHOR TEM ALGUMA SUGESTÃO PARA OS ADMINISTRADORES DO ESTÁDIO?	